

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CDPA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas
com a agricultura**

Período de Análise: 01 a 31 de Janeiro de 2008.

Área Temática: Biocombustíveis

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Janeiro 2008

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	6
Biodiesel	6
Dendê na Amazônia – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 15/01/2007	6
Petrobrás vai instalar em Palmeira(PR) usina de Biodiesel -.....	7
Luciane Bosenbecker - Imprensa Fetraf sul - 15 de janeiro de 2008	7
Etanol	8
Brasil seqüência DNA de levedura que produz etanol - Herton Escobar – Estado de São Paulo – Vida & - 03/01/2008.....	8
Preço do álcool cai na usina e sobe no posto - Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 08/01/2008.....	9
BNDESpar vira sócio da usina Santaelisa Vale - Mônica Ciarelli – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 08/01/2008.....	10
GM anuncia parceria para etanol - Cleide Silva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 14/01/2008	11
Álcool nas usinas de SP chega ao menor valor em 4 anos - Chico Siqueira – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 15/01/2008	12
Gramínea para fazer álcool tem ganho de 540% - Folha de São Paulo – Ciência – 08/01/2008.....	13
Montadoras americanas apostam no biocombustível – José Augusto Amorim – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/01/2008.....	14
Petrobras I – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 03/01/2008	15
Petrobras II – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 03/01/2008.....	15
Petrobras III – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 03/01/2008	15
Apesar de consumo recorde, álcool recua - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 14/01/2008	16
POLÍTICA DE BIOCUMBUSTÍVEIS	17
Biodiesel	17
Biodiesel - Xico Graziano – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 01/01/2008	17
Diesel deve receber 2% de biodiesel a partir de hoje - Agnaldo Brito – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 01/01/2008.....	19
Ministro projeta redução do uso de soja no biodiesel e crescimento da agricultura familiar – Sítio Eletrônico da COntag - 03/01/2008	20
O custo do biodiesel – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – Editorial – 06/01/2008.....	20
Biodiesel na Amazônia – Roberto Rodrigues – Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/01/2008.....	21
Distribuidoras prevêm alta do preço do diesel - Fabiana Ribeiro – O Globo – economia – 03/01/2008	23
Biodiesel no Paraná – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 02/01/2008.....	23

Biodiesel estréia sem sustos, mas produtor se queixa dos preços - Patrick Cruz e Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 04/01/2008	23
Programa do biodiesel é exemplo para o mundo - Guilherme Cassel – Valor Econômico – Opinião - 14/01/2008	25
Etanol	27
Incra descarta reintegrar famílias - José Maria Tomazela – Estado de São Paulo – Nacional – 03/01/2008	27
Gramínea é nova fonte de etanol, diz pesquisa – Estado de São Paulo – Vida & - 08/01/2008.....	28
Biocombustível pode ser sujo, diz estudo – Eduardo Geraque – Folha de São Paulo – Ciência – 07/01/2008.....	28
Biocombustível pode ser sujo, diz estudo – Sítio Eletrônico do MST – 08/01/2008... 30	
Álcool 6,58% mais caro em dezembro – O Globo – Economia – 03/01/2008	31
Finep no sucroalcooleiro – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 10/01/2008	32
Contexto – Valor Econômico – Agronegócios - 10/01/2008	32
Ministério prevê cenário promissor para o campo – Valor Econômico – Agronegócios - 10/01/2008	32
RELAÇÕES INTERNACIONAIS	33
Biodiesel	33
Biodiesel em alta – Valor Econômico – Agronegócio – Curtas – 08/01/2008	33
Etanol	34
Etanol sofre primeiro revés na UE - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 15/01/2008	34
Cai receita com exportações de álcool – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/01/2008.....	36
Brasil deve ser parceiro no álcool, diz democrata – Folha de São Paulo – Mundo – 03/01/2008.....	37
Britânicos lançam dúvida sobre biocombustíveis – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/01/2008	38
Segunda Quinzena	
AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL	39
Biodiesel	39
Agrenco muda sede e mira energia - Bettina Barros – Valor Econômico – Agronegócios - 18/01/2008	39
Biodiesel da Petrobras – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 21/01/2008 39	
Macaúba no biodiesel – Valor Econômico – Agronegócios – 25/01/2008	39
Etanol	40
Embraer pesquisa o uso de combustível 'verde' nos aviões - Mariana Barbosa – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 30/01/2008	40

Álcool frustra investidores e produtores – Elvira Lobato e Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008.....	41
Exportações de álcool têm queda de 14% - Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008.....	43
Estrangeiros mantêm seus investimentos – Folha de São Paulo- Dinheiro – 20/01/2008.....	44
Usina prevê fusões e avanço estrangeiro – Elvira Lobato e Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/1/2008.....	45
Preços de terras para grãos voltam a subir - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 17/01/2008.....	47
Álcool de mandioca – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 25/01/2008.....	48
Mercado 'vira' e usina cogita adiar moagem de cana nova - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 28/01/2008.....	48
Álcool segue em trajetória descendente em São Paulo – Valor Econômico – Agronegócios – 28/01/2008.....	49
Consumo de álcool cresce e sobra mais gasolina para exportação - Mônica Scaramuzzo - Valor Econômico – Brasil - 31/01/2008.....	50
BNDES financia usina – Valor Econômico – Agronegócio – Curtas – 31/01/2008..	51
POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS	51
Biodiesel	51
Biodiesel e agricultura familiar - Antônio Márcio Buainain – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 29/01/2008.....	51
O girassol e o biodiesel – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 23/01/2008	53
Etanol	53
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PETRÓLEO X BIOCOMBUSTÍVEIS - Fábio de Salles Meirelles - Sítio Eletrônico da CNA – 22/01/2008.....	53
Rodrigues cobra mais ação do governo para o mercado de álcool – Entrevista com Roberto Rodrigues – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008.....	54
Governo diz que não há necessidade de intervenção mais firme no setor – Elvira Lobato e Pedro Soares - Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008.....	56
MMA discute energia renovável na Alemanha – Sítio Eletrônico do MMA - 18/01/2008.....	57
Fornecedor de cana do NE volta a pedir apoio - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 16/01/2008.....	57
Ministério vai controlar oferta sucroalcooleira - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 30/01/2008.....	58
Lula pede apoio a bicombustível - Marli Olmos – Valor Econômico – Brasil - 31/01/2008.....	58
RELAÇÕES INTERNACIONAIS	59
Etanol	59
UE aposta em etanol para reduzir emissão de CO2 - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 23/01/2008.....	59

Usineiros se fixarão em Bruxelas - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 23/01/2008.....	60
Governo negocia com UE certificação do etanol - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 24/01/2008.....	61
Representante da Opep ataca produção do etanol – Estado de São Paulo – economia e Negócios – 26/01/2008.....	61
Presidente quer etanol no Japão - Cleide Silva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 31/01/2008.....	62
UE exige certificado para biocombustível – Márcia Bizzotto – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/01/2008.....	63
Exigência da UE vai prejudicar venda de álcool, diz analista – Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/01/2008.....	64
EUA sinalizam mudança em tarifa de álcool importado – Folha de São Paulo – Dinheiro – 31/01/2008.....	65
UE impulsiona energias renováveis - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 24/01/2008.....	66

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Dendê na Amazônia – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 15/01/2007

Agricultores familiares da Amazônia Ocidental iniciam, neste ano, o plantio de 75 mil mudas de dendzeiro, no Alto Solimões, área identificada como uma das mais favoráveis do país para o cultivo do produto. O objetivo é estimular a produção de biodiesel na região, que faz fronteira com a Colômbia e o Peru.

Petrobrás vai instalar em Palmeira(PR) usina de Biodiesel - Luciane Bosenbecker -
Imprensa Fetraf sul - 15 de janeiro de 2008

A Petrobrás anunciou, no final do ano passado, que vai instalar uma usina de biodiesel na cidade de Palmeira(PR) que beneficiará mais de 20 mil agricultores. A Fetraf-Sul (Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar) participou de todo o processo de negociação da instalação da usina e agora vai acompanhar o trabalho de organização dos agricultores familiares para a produção de matéria-prima e no mês de fevereiro promoverá um seminário estadual para aprofundar a estratégia de participação no processo de implantação da usina.

O Coordenador de Comunicação da Fetraf-Sul, Marcos Rochinski, comemorou o anúncio onde a Petrobrás prevê como sendo a maior usina de processamento do país. “A cidade de Palmeira foi escolhida pela Petrobrás, em função da concentração de agricultores familiares, capacidade de produção de matéria-prima pela Agricultura Familiar, logística de transporte rodoviário e ferroviário e proximidade dos centros consumidores de óleo diesel”, destaca Rochinski.

A expectativa da Secretaria de Estado da Agricultura é que sejam cultivados 165 mil hectares com plantas oleaginosas para atender as necessidades da usina. A Petrobrás também está negociando com a Prefeitura de Palmeira a doação de um terreno onde será construída a primeira usina de biodiesel de grande porte no Estado.

O Coordenador da Fetraf-Sul Paraná, Neveraldo Oliboni, prevê que muitos agricultores familiares terão que diversificar sua produção. “Esperamos que muitos que produzem fumo, por exemplo, mudem a produção para oleaginosas que servem para fabricação do biodiesel. Isso será mais renda para os agricultores familiares e uma alternativa à produção de tabaco”, acrescenta Oliboni. Os agricultores terão a opção pelo cultivo de oleaginosas como soja, girassol, canola, nabo forrageiro, mamona e amendoim, que se adaptam às condições de clima e solo da região Centro-Sul.

Os agricultores familiares serão beneficiados pela política de biodiesel do governo federal, que dá prioridade à compra de matéria-prima da Agricultura Familiar. Para obtenção do selo social, que permite a redução de impostos federais, as usinas de biodiesel são obrigadas a comprar no mínimo 30% da matéria prima da Agricultura Familiar.

A usina - A Petrobrás vai investir R\$ 120 milhões e terá uma capacidade de produção de 113 milhões de litros por ano, devendo absorver matéria-prima não só de Palmeira, mas de todos os municípios da região Centro-Sul, que é típica da Agricultura Familiar e que concentra um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Etanol

Brasil seqüencia DNA de levedura que produz etanol - Herton Escobar – Estado de São Paulo – Vida & - 03/01/2008

Trabalho pode melhorar o processo de fermentação e aumentar a produção de álcool combustível no País

A produção de álcool no Brasil caiu mais uma vez nas graças da genômica. Depois de seqüenciar o DNA da cana-de-açúcar, oito anos atrás, cientistas brasileiros estão prestes a concluir o seqüenciamento da levedura responsável pela fermentação de mais da metade do etanol produzido no Brasil. O trabalho tem aplicação direta na indústria e visa a identificar genes importantes para o melhoramento genético de leveduras - incluindo a produção de linhagens transgênicas.

As leveduras (da espécie *Saccharomyces cerevisiae*) são fungos microscópicos, unicelulares, que transformam açúcar em álcool - o processo conhecido como fermentação alcoólica. São elas que, além de fazer crescer o pão, produzem o álcool inebriante das cervejas, vinhos, cachaças e qualquer outra bebida alcoólica, assim como o álcool combustível (etanol) de cana-de-açúcar que hoje abastece grande parte dos veículos brasileiros.

Milhares de tipos de levedura são conhecidos e cada processo industrial emprega uma linhagem diferente. No Brasil, apenas quatro são usadas na produção de álcool combustível. O seqüenciamento genético está sendo feito com uma linhagem chamada CAT-1, selecionada ao longo de quase 20 anos de pesquisa por cientistas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com a Fermentec, uma empresa de consultoria especializada em fermentação alcoólica.

“O Brasil precisa urgentemente de novas linhagens”, diz o especialista Luiz Carlos Basso, da Esalq. “Esperamos que o genoma trará conhecimentos importantes para isso.” Segundo ele, a CAT-1 e a PE-2 (outra linhagem selecionada pelo programa) já são usadas por 150 destilarias, responsáveis por mais de 50% da produção nacional de etanol.

O seqüenciamento propriamente dito (a “leitura” do DNA) está sendo feito na Universidade Stanford, na Califórnia, com máquinas de última geração. Mas quem coordena o trabalho é o pesquisador Boris Stambuk, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que concluiu seu segundo pós-doutorado e foi professor visitante na instituição americana.

Segundo Stambuk, que é peruano radicado no Brasil, o genoma da CAT-1 tem 12 milhões de pares de bases (ou “letras”), com cerca de 6.500 genes inscritos. Para dar maior confiabilidade aos dados (e aproveitando o baixo custo e alta velocidade das novas tecnologias de seqüenciamento), o genoma está sendo “lido” diversas vezes. Até agora, já foram seqüenciados 200 milhões de pares de bases.

“Se você sabe quais fatores limitam ou favorecem a fermentação, pode trabalhar com isso para melhorar a produção”, explica Stambuk. Ele espera submeter um artigo científico sobre o trabalho para publicação ainda neste mês.

Uma característica importante já foi identificada: a duplicação de genes relacionados à síntese das vitaminas B6 e B1, cruciais para o processo de fermentação, o que pode ser uma das razões pela qual a CAT-1 funciona tão bem para a indústria. A eficiência média do processo de fermentação nas destilarias brasileiras hoje é de 88%. Nas mais eficientes (que já adotaram a CAT-1), o índice chega a 93%, segundo o presidente da Fermentec, Henrique Amorim.

Com os dados revelados pelo genoma, a expectativa é que esse número suba ainda mais - até 95%. “Poderemos aumentar a eficiência e diminuir o custo ao mesmo tempo”, aposta Amorim. Ele prevê também a produção de linhagens transgênicas combinando, por exemplo, fatores de interesse industrial, como resistência, e comercial, como aroma. “Poderemos transferir genes de uma levedura para outra para obter características desejadas.”

Preço do álcool cai na usina e sobe no posto - Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 08/01/2008

Produtores já recebem 3% menos, mas consumidor paga 0,26% mais

A queda nas cotações do álcool nas usinas de São Paulo, que já dura quatro semanas, ainda não chegou ao consumidor. Pelo contrário, a pesquisa semanal de preços dos combustíveis divulgada ontem pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) aponta ligeiro aumento no valor de venda do álcool hidratado nos postos brasileiros. Na média nacional, a alta foi de 0,26% na última semana. Em São Paulo, ficou em 0,46%.

A cotação do álcool hidratado nas usinas caiu 3% desde o pico da entressafra, há quatro semanas, segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da USP (Cepea). O movimento é atípico para esta época do ano, quando normalmente há especulações sobre o volume de estoques disponíveis para abastecer o mercado até o início da nova safra. O valor de venda do litro do combustível às distribuidoras ficou em R\$ 0,73306 na última semana, informa o Cepea.

Nos postos, segundo a ANP, o preço médio do álcool hidratado ficou em R\$ 1,502 por litro na última semana. O valor médio para o Estado de São Paulo foi menor: R\$ 1,306 por litro. O álcool anidro, que é misturado à gasolina, também vem apresentando queda nas últimas semanas. De acordo com o Cepea, fechou a semana passada em R\$ 0,82621 por litro nas usinas de São Paulo, valor 0,93% inferior ao da semana anterior e 3,5% abaixo do pico da entressafra.

O levantamento da ANP, porém, não detectou repasses para o preço da gasolina, que fechou a semana passada na média de R\$ 2,507 por litro no País, mantendo-se estável em relação à semana anterior. A pesquisa também aponta estabilidade no preço do diesel, que fechou a semana passada em R\$ 1,864 por litro, em média, nos postos brasileiros. O mesmo vale para o botijão de gás, que custava, em média, R\$ 32,78.

Já o gás natural veicular (GNV) teve pequena alta, de 0,58%, informa a ANP. Segundo a agência, o metro cúbico do combustível custava, em média, R\$ 1,365 na semana passada. O aumento é fruto de repasses de reajustes promovidos pela Petrobrás no preço do gás natural, seja como reflexo da alta nas cotações internacionais do petróleo ou como fruto da nova política de preços que vem sendo implementada para o energético.

Em São Paulo, porém, o preço do GNV manteve-se estável, fechando a semana em R\$ 1,146 por metro cúbico. Já no Rio, houve alta de 0,75%.

CORREÇÃO - Diferentemente do que saiu publicado no dia 5 de janeiro, na página B7, a empresa BG não é boliviana e, sim, britânica. A reportagem refere-se à subsidiária boliviana da BG.

BNDESPar vira sócio da usina Santaelisa Vale - Mônica Ciarelli – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 08/01/2008

A BNDESPar - braço do BNDES que compra participações em empresas - anunciou ontem que vai entrar no capital da usina Santelisa Vale com a compra de R\$ 150 milhões em ações da companhia. O investimento vai permitir tirar do papel os planos de expansão da empresa, que prevê a construção de seis novas usinas de processamento de açúcar e álcool em Minas Gerais e Goiás. Além da BNDESPar, também são sócios controladores da Santelisa, o banco de investimentos americano Goldman Sachs e as famílias Biagi e Junqueira.

A operação faz parte do processo de reestruturação da companhia, resultado da fusão entre os grupos Santa Elisa e Vale do Rosário. O projeto prevê aumentar a capacidade de esmagamento da Santelisa dos atuais 19 milhões de toneladas para 35 milhões de toneladas de cana na safra 2011/2012, e vai gerar 7 mil empregos diretos, que serão somados aos 14 mil já existentes.

Os investimentos também contemplam expansão da geração de energia elétrica a partir do bagaço de cana. Em uma primeira fase, os projetos vão gerar 870 mil megawatts-hora/ano e atingirão, na etapa seguinte, 1,57 milhão MWh/ano. Hoje, as usinas geram 417 mil MWh/ano, quantidade capaz de suprir o consumo de energia de uma cidade de 1 milhão de habitantes.

Com a fusão, os ativos dos grupos Vale do Rosário e Santa Elisa foram centralizados na Santelisa Vale, que passou a ser a holding não-operacional do grupo. A fusão ocorreu há um ano, quando um grupo de acionistas minoritários venceu uma disputa com a Cosan pelo controle da Vale do Rosário.

GM anuncia parceria para etanol - Cleide Silva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 14/01/2008

Salão de Detroit mostra carrões e a preocupação das montadoras em desenvolver combustíveis alternativos

Carrões ainda dão o tom na principal mostra internacional de veículos, o Salão Internacional do Automóvel da América do Norte (Naias), mas a preocupação com o que vai mover esses carros, tendo em vista problemas ambientais e o preço da gasolina, leva as montadoras a investir em projetos de combustíveis alternativos.

A General Motors anunciou ontem inédita parceria com a empresa americana Coskata para o desenvolvimento de etanol derivado de diferentes matérias-primas, como resíduos agrícolas, pneus e até lixo. Um dos objetivos é escapar da polêmica sobre a possível escassez de alimentos no mundo com o uso crescente do milho para produzir etanol.

Segundo analistas do setor automobilístico, é a primeira vez que uma montadora se envolve diretamente no processo de produção de um combustível. A Coskata vai desenvolver a tecnologia e também produzirá o novo combustível.

“Estamos entusiasmados sobre esse projeto, que significará a viabilidade do biocombustível e, mais importante, ajudará a reduzir nossa dependência do petróleo”, disse o presidente mundial da GM, Rick Wagoner. O preço do galão da gasolina já passa de US\$ 3, muito elevado até para o padrão americano.

A Ford apresentou o programa EcoBoost, um conceito que diminuiu as cilindradas dos motores dos carros sem alterar a potência. Um carro com motor V8, por exemplo, terá o mesmo desempenho se usar um motor V6. Cada cilindrada a menos significa corte de cerca de 0,7% no consumo de combustível.

Os EUA abrigam a maior frota mundial de veículos, mas têm apenas 7 milhões de carros flex, movidos com uma mistura de 85% de álcool (produzido do milho) e 15% de gasolina. O abastecimento é restrito, pois menos de 1% dos 170 mil postos espalhados pelo país oferecem o E85, como é chamada a mistura.

O presidente da Coskata, Bill Roe, disse que a primeira produção em grande escala de etanol alternativo - entre 50 a 100 milhões de galões -, deverá ocorrer em 2011. Mas, no fim deste ano, as primeiras amostras do produto serão entregues para a GM realizar testes em veículos.

A GM, segundo Wagoner, também seguirá investindo no desenvolvimento de veículos elétricos (como o Volt) e híbridos, mas essas soluções são mais para médio e longo prazos. O etanol é a solução para o curto prazo. “Não há dúvidas em minha mente de que oferecer etanol a custo mais viável e maior disponibilidade é a mais efetiva solução para a questão ambiental”, afirmou Wagoner. “E é uma ação que pode ser feita imediatamente.”

O Salão de Detroit, realizado anualmente no coração da indústria automobilística dos EUA, será aberto ao público dia 19. As apresentações realizadas ontem, hoje e amanhã são exclusivas para a imprensa do mundo todo. A mostra tem cerca de 750 carros, dos quais 50 são lançamentos mundiais.

A crise das três principais empresas americanas, GM, Ford e Chrysler, que perderam suas posições de liderança para marcas asiáticas, especialmente a Toyota, não tirou o brilho do evento.

Mas nenhum dos executivos esconde que 2008 deve ser o pior ano da década para a indústria de carros nos EUA, com vendas próximas a 15,5 milhões de unidades. Diante desse quadro, crescer fora dos EUA virou prioridade para a maioria das companhias. “Hoje, 10% das nossas vendas são para países fora dos EUA, e queremos dobrar essa participação”, afirmou o vice-presidente internacional de vendas e marketing da Chrysler, Michael Manley.

Recém-separada da Mercedes-Benz na joint venture que havia criado a DaimlerChrysler, a companhia busca outras parcerias e acaba de fechar acordo com a Nissan para a produção, no México, de um automóvel destinado ao mercado brasileiro. ***A jornalista viajou a convite da Anfavea**

Álcool nas usinas de SP chega ao menor valor em 4 anos - Chico Siqueira – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 15/01/2008

Preço do hidratado cai 5,5% em 5 semanas, sem repasse ao consumidor

Araçatuba - Pela quinta semana consecutiva, e em plena entressafra, o preço do álcool hidratado cai nas usinas do Estado de São Paulo, maior produtor do País. No entanto, a queda, que chega a 5,5%, não foi sentida e pode demorar a chegar aos postos de combustíveis.

Somente na última semana, o preço caiu 2,8% - de R\$ 0,7306 em 4 de janeiro para R\$ 0,71187 no dia 11. Com isso, o álcool chega ao menor valor nominal para o mês de janeiro dos últimos quatro anos. Só em janeiro de 2004, quando chegou a R\$ 0,50920, o preço esteve tão baixo.

Segundo indicador semanal do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP), o litro do álcool hidratado, usado para abastecer os carros nas bombas, era vendido a R\$ 0,75356 em 14 de dezembro e chegou a R\$ 0,71187 em 11 de janeiro, uma queda de 5,5%.

Mas, apesar da queda, o preço do álcool combustível não caiu nos postos de combustíveis do Estado, segundo as pesquisas feitas pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). Nas últimas quatro semanas, de acordo com a ANP, o preço médio do álcool foi de R\$ 1,30 nos postos.

ESTOQUES - Segundo a pesquisadora Marta Cristina Maistro, do Cepea, a queda dos preços ocorreu por causa dos estoques formados em novembro pelas distribuidoras para o fim de ano.

“Entre outubro e novembro, o preço do álcool acumulou um reajuste de 22%, saltando de R\$ 0,58548 em outubro para R\$ 0,71609 em novembro. Como não foram feitas grandes compras em novembro, a alta foi perdendo força”, diz a pesquisadora.

As férias, que retiram grande quantidade de carros das ruas e a pressão menor de oferta em plena entressafra foram alguns dos motivos da queda apontados por ela.

Para a pesquisadora, essa queda não é sentida rapidamente nos postos, por causa da configuração dos custos das distribuidoras e de uma defasagem natural que existe até que haja nova reposição de estoque por parte dos postos de combustíveis.

“É possível que o repasse demore um pouco e o consumidor só vai se beneficiar dessa queda lá na frente”, diz Marta Cristina.

Gramínea para fazer álcool tem ganho de 540% - Folha de São Paulo – Ciência – 08/01/2008

DA FRANCE PRESSE - A gramínea *Panicum virgatum*, conhecida nos EUA como "switchgrass", é mais eficiente para a produção de álcool do que os cientistas imaginavam. Estudo publicado hoje na revista "PNAS" mostra que o ganho energético na produção de biocombustível a partir da planta é de 540%. Cálculos anteriores estimaram em 343% o superávit energético do vegetal. Nos dois casos, a própria energia usada para o processo de produção do álcool é descontada.

A diferença é que a pesquisa atual foi realizada em campos comerciais do vegetal, usado nos EUA para fins ornamentais. Os cálculos anteriores saíram de projetos-piloto. De acordo com Marty Schmer, da Universidade do Norte de Nebraska, um dos autores da pesquisa, o rendimento da gramínea pode ser melhorado ainda mais com o uso de técnicas modernas de engenharia genética.

Montadoras americanas apostam no biocombustível – José Augusto Amorim – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/01/2008

GM anuncia parceria para produção de álcool

Preocupadas com o ambiente, as três principais montadoras americanas -General Motors, Ford e Chrysler- enxergam nos combustíveis alternativos a solução para barrar as vendas da dupla japonesa Toyota e Honda, que já oferecem carros que rodam com gasolina e eletricidade.

O chamado E85 -combustível com 85% de álcool e 15% de gasolina- seria a saída mais viável, mas ele ainda é caro. Custa o mesmo que a gasolina, mas rende até 20% a menos.

De qualquer forma, a GM anunciou, durante o Salão de Detroit, uma parceria com a empresa Coskata para produzir álcool a partir de resíduos desde papel até pneus. Assim, acabaria a polêmica ao redor do milho, a matéria-prima do álcool nos EUA, que voltaria a ser usada para a alimentação, e diminuiria o impacto ambiental da produção do combustível: para fazer um galão de álcool, gastam-se até quatro galões de água. No novo processo, cai para um.

"O preço do petróleo e a sociedade preocupada com o aquecimento global dão um sentido diferente à indústria", analisou o presidente mundial da GM, Rick Wagoner. "Neste ano, o salão está muito mais verde que o normal."

Já a Ford quer vender, em 500 mil carros anuais durante os próximos cinco anos, o sistema EcoBoost, capaz de rodar com o E85. A promessa da Ford é economizar 20% de combustível e emitir 15% menos CO₂.

Wagoner estima que 30% do petróleo consumido nos EUA seja substituído por álcool em até 12 anos. Se as americanas apostam em álcool e as japonesas em eletricidade, as européias querem fazer os EUA verem que o diesel é a melhor opção. "Mais e mais nossos consumidores americanos esperam que um carro dê não apenas alta performance mas também baixo consumo e soluções para o ambiente", disse Norbert Reithofer, presidente da BMW.

Crescimento - O álcool já é preferência nacional no Brasil, mas Jaime Ardila, presidente da GM no Mercosul, acredita ser possível melhorar os motores já existentes e

fabricar novos. Isso é só um dos gargalos que ele achou no Brasil depois de assumir, em novembro. Eliminar gargalos de produção, como os de fornecedores em Gravataí (RS), e a falta de produtos, como o buraco entre o Vectra e o Omega, fará as vendas da empresa crescer 10% neste ano. Outra saída seria a importação de produtos do México, algo ainda não definido. Os carros mexicanos não pagam Imposto de Importação, e a Ford tem sido a maior beneficiária, com seu Fusion vendendo mais do que o esperado. *O jornalista **JOSÉ AUGUSTO AMORIM** viaja a convite da Anfavea

Petrobras I – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 03/01/2008

A Petrobras vai produzir etanol de segunda geração para exportação, em parceria com a iniciativa privada. A estatal informa que já avaliou 40 usinas e tem cinco projetos aprovadas pela área técnica. Nenhum deles, como já informou o Valor, saiu do papel até agora. A meta de exportação, a partir de 2012, é de 4,5 bilhões de litros ao ano, incluídos o etanol de primeira e o de segunda geração. O etanol de segunda geração é obtido a partir da tecnologia de ligno-celulose.

Petrobras II – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 03/01/2008

O diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, afirmou que a estatal não aceitará parcerias para a produção de etanol que se baseiem em trabalho escravo. "Nos contratos e nos negócios de que a Petrobras vier a participar, para exportação de etanol, essa expressão [trabalho escravo] não entra no nosso dicionário", disse. Ele informou que a participação da estatal e da sócia japonesa Mitsui nas usinas deverá ser minoritária, de 20% a 30%. E que em todas as usinas com vendas destinadas principalmente aos mercados do Japão e da Coreia serão adotados critérios modernos de produção: "Não trabalharemos com queimadas, utilizaremos a mecanização para dar uma condição digna e uma remuneração adequada ao trabalhador", afirmou o executivo, segundo a Agência Brasil.

Petrobras III – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 03/01/2008

A estatal brasileira também informou ontem que irá aprofundar em 2008 as pesquisas sobre a produção de etanol de segunda geração. O processo tecnológico está sendo desenvolvido pelo Centro de Pesquisas (Cenpes) da Petrobras, em parceria com universidades, como a Coordenação de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ).

Apesar de consumo recorde, álcool recua - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 14/01/2008

Pela primeira vez desde 2004, os preços do álcool voltaram a registrar queda durante a entressafra no centro-sul do país (de janeiro a abril), período que tradicionalmente as cotações registram elevação por conta da menor oferta do combustível nas usinas. Com estoques equilibrados, mas não abundantes, a queda ocorre em um momento em que o consumo do álcool hidratado é recorde no Brasil, impulsionado, sobretudo, pelas vendas de carros flexfuel.

A explicação para o comportamento de preços atípico durante a entressafra está, em boa parte, na estratégia de vendas das usinas. "As usinas vendem porque não querem carregar seus estoques para o início da nova safra", afirma Júlio Maria Martins Borges, presidente da consultoria Job Economia e Planejamento.

A oferta no mercado interno está equilibrada e a demanda continua aquecida. O consumo está projetado em cerca de 1,4 bilhão de litros de álcool por mês até abril, com exceção de fevereiro, cujo consumo cai por conta do feriado de Carnaval e por ser um mês curto, de acordo com a Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar). Se confirmado esse consumo, será recorde para o período, considerando que nos últimos anos o volume oscilava entre 900 milhões e 1 bilhão de litros mensais. Os estoques devem ser suficientes até o fim de abril, sem risco de desabastecimento, de acordo com Antonio de Padua Rodrigues, diretor-técnico da Unica.



O governo acompanha atento, desde 2003, o movimento do mercado interno de álcool durante a entressafra porque teme desabastecimento e reflexos na inflação por conta da alta do produto nesse período. Foi exatamente em 2003 que as cotações do combustível bateram R\$ 1,30 nas usinas e havia risco de falta de combustível. Entre 2003 e 2006, em função do aumento expressivo do preço do açúcar no mercado internacional, as usinas priorizaram a produção da commodity em detrimento do combustível.

a sexta-feira, o litro do álcool hidratado fechou a R\$ 0,71187 (sem impostos), recuo de 2,89% sobre a semana anterior. Em doze meses, acumula queda de 16,7%. O anidro fechou a R\$ 0,79915 o litro, com baixa de 3,27% (sem impostos) sobre a semana anterior e desvalorização de 8,6% sobre o mesmo período de 2007, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea). O risco de desabastecimento para esta safra está descartado. A maior produção em 2007/08, de 19,7 bilhões de litros no centro-sul, 23% acima sobre 2006/07, ajudou a manter os estoques confortáveis.

Padua lembra que em 2004, quando os preços do álcool também caíram durante a entressafra, o cenário era diferente. "Havia uma corrida das usinas para se livrar de seus estoques, em um período que as vendas dos carros flexfuel ainda engatinhavam."

Em 2007, as vendas de carros flexfuel totalizaram 2,003 milhões de veículos, um crescimento de 40% sobre 2006, segundo levantamento recente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Os flexfuel representaram 86% da venda total de veículos no ano passado.

A relação de compra entre as usinas e distribuidoras, que nos últimos meses se caracterizou como da "mão para boca", mudou. "Estamos comprando em maiores volumes", afirma Alísio Vaz, vice-presidente executivo do Sindicom (Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis).

No ano passado, as distribuidoras negociaram cerca de 8,5 bilhões de litros de álcool hidratado, alta de 40%, afirma Vaz, citando os números da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis). Só as associadas do Sindicom movimentaram 6,2 bilhões de litros, com um aumento de 80% sobre 2006.

POLÍTICA DE BIOCUMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Biodiesel - Xico Graziano – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 01/01/2008

Ano-novo, vida nova. Mais ainda, combustível novo. Sim. Passa a ser obrigatória, a partir de hoje, a mistura de 2% de biodiesel ao óleo combustível comercializado no País. Boa novidade.

Segundo a lei, aprovada em 2005, o chamado B2 prevalece até 2013, quando entra em cena o B5, quer dizer, a adição obrigatória sobe para 5% de biodiesel no óleo comercializado. Quem, entretanto, quiser antecipar a mistura pode solicitar a devida autorização. Na agricultura, especialmente no distante Centro-Oeste, para fugir do elevado preço do diesel, tratores já funcionam, meio no tampa, até com B100. Vegetal puro no tanque da máquina.

O biodiesel é obtido a partir de óleos vegetais, embora possa também advir de gorduras animais, como sebo. Combustível biodegradável, derivado de fontes renováveis, o novo combustível se opõe ao diesel do petróleo, de origem fóssil, não renovável. A diferença é enorme. A cada ciclo de produção, o crescimento vegetal retira da atmosfera o gás carbônico liberado na combustão. Na linguagem ambiental, isso significa que o biodiesel é "carbono neutro"; suas obtenção e queima não contribuem para o aumento das emissões de CO₂ no planeta.

Transesterificação é o novo palavrão na praça. Assim se chama o processo utilizado para transformar o óleo renovável em biodiesel. Consiste numa reação química de óleos vegetais (ou de gorduras animais) com o álcool comum (etanol) ou o metanol, estimulada

por um catalisador. Desse processo resulta a glicerina, empregada para fabricação de sabonetes e diversos outros cosméticos.

Há dezenas de espécies vegetais oleaginosas propícias à produção do biodiesel. Destacam-se soja, girassol, dendê (palma), pinhão-manso e mamona. Cada qual apresenta vantagens e desvantagens. A soja, por exemplo, vence na escala de produção e na tradição de cultivo. Mas perde no teor de óleo da sua semente, entre 18% e 20%. Bastante protéica, a soja esmagada gera grande quantidade de farelo, ótimo para ração animal, um estorvo, porém, para uma fábrica de biodiesel.

O girassol apresenta de 40% a 45% de óleo na semente, bem mais do que a soja. Inexiste no país, todavia, tradição de plantio de girassol. Pouco se investiu no melhoramento genético das variedades, que exigem frio no ciclo da produção. Isso explica o seu bom desenvolvimento na Argentina, ao contrário do Brasil.

O pinhão-manso é coqueluche, uma descoberta recente. Planta não comestível, de elevado teor de óleo, acima de 50%, seu problema é que ninguém nunca a plantou em escala suficiente para ser conhecida na agronomia. A Embrapa e órgãos estaduais de pesquisa correm para estudá-la. Uma aposta no futuro.

O dendê, ou a palma, uma palmeira de origem africana, oferece excelente óleo a partir de sua polpa. Rivaliza com a soja na produção mundial de óleo, graças aos grandes cultivos na Malásia e na Indonésia. No Brasil, assume importância na região úmida da Amazônia. Vai, sem dúvida, crescer sua produção para atender ao mercado do biodiesel.

Resta a mamona. Sua semente traz de 45% a 50% de óleo. Planta muito resistente, adaptada a solos menos férteis, poucas pragas a atacá-la, a euforbiácea é conhecida desde a Antiguidade por originar o óleo de rícino, famoso purgativo na medicina popular. No mundo industrial, o óleo de mamona sempre guardou excelente valor no mercado de lubrificantes, pois mantém boa viscosidade em ampla faixa de temperatura.

Na década de 1940, o Brasil liderava a produção mundial de mamona, com 370 mil hectares plantados. Mas a ricinocultura não agüentou a competição da moderna agricultura de escala, decaindo seu volume e se tornando quase residual, exceto no oeste da Bahia, onde manteve certa importância. Quem se destaca no mercado mundial agora é a Índia, com 62% da produção, seguido pela China. Ao Brasil resta a medalha de bronze.

Parece, porém, que a mamona vai repicar. Ela é a favorita do governo brasileiro para o programa de biodiesel. Com uma novidade. A fórmula petista mistura solução energética com equação agrária. Pretende fazer da mamona um trampolim de sucesso para os assentamentos de reforma agrária. Criou-se, assim, uma diferença fiscal para os plantios de mamona oriundos, no Nordeste, da chamada agricultura familiar.

Apenas uma grande empresa, a novidadeira Brasil Ecodiesel, prometia envolver 10 mil pequenos agricultores do Tocantins, gerando 800 milhões de litros do novo combustível. Dinheiro público, fartamente subsidiado, financiava o projeto. Uma maravilha que mereceu, há dois anos, festa no Palácio do Planalto, com a presença de Lula.

Na prática, a teoria é outra. Misturar sem-terra com mamona deu zebra. A Petrobrás começou, agora em dezembro passado, a vender biodiesel ao mercado. Disponibilizou 380 milhões de litros de seu estoque, arrematado em leilões promovidos pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). A quantidade distribuída não atinge metade do necessário para cumprir a mistura do B2, estimada em 880 milhões de litros. Incrível, vai faltar biodiesel.

Haja incompetência. Puxa vida. Agricultura energética representa uma oportunidade de ouro, uma mudança de paradigma, e ela brilhou para a agricultura brasileira. Primeiro, com o etanol; agora, com o biodiesel. Chegou o momento de emplacar o novo combustível vegetal. Será um sucesso, se a demagogia oficial não atrapalhar tudo. Infeliz de quem troca o profissionalismo pela ideologia vazia.

Feliz ano-novo. ***Xico Graziano, agrônomo, é secretário do Meio Ambiente do Estado de São**

Diesel deve receber 2% de biodiesel a partir de hoje - Agnaldo Brito – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 01/01/2008

A partir de hoje todo o diesel consumido no País terá de receber a mistura de 2% de biodiesel. A medida cria um mercado cativo de 800 milhões de litros para este ano e que pode chegar a 2,4 bilhões de litros, em 2013, quando a mistura subirá para 5%. O governo estuda antecipar essa exigência.

O investimento das distribuidoras para criar a infra-estrutura de armazenamento e mistura em todo o país superou os R\$ 100 milhões. De acordo com o Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), a mistura deverá resultar num ligeiro reajuste do preço do diesel. Alísio Vaz, vice-presidente do Sindicom, diz que pode haver o repasse de até R\$ 0,02 por litro.

O governo chegou a negar que haja reajuste, mas as distribuidoras alegam que o biodiesel chega com um custo maior do que o diesel. Nos leilões para compra de 380 milhões de litros, feito pela Agência Nacional do Petróleo para a Petrobrás, o valor (sem imposto) oscilou entre R\$ 1,88 e R\$ 1,90 o litro. Esse preço, segundo o Sindicom, é cerca de R\$ 0,70 maior do que o valor do diesel também sem imposto.

Ministro projeta redução do uso de soja no biodiesel e crescimento da agricultura familiar – Sítio Eletrônico da COntag - 03/01/2008

A preferência das empresas produtoras de biodiesel por operações a partir do óleo de soja deverá ser relativizada com variações futuras de mercado. A avaliação é do ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, que disse não ver "problema na produção a partir da soja neste momento economicamente favorável, mas isso não deve perdurar no tempo".

Uma meta anunciada pelo ministro é fechar 2008 com o dobro dos atuais 100 mil agricultores familiares que produzem oleaginosas, matéria-prima para o biodiesel. Cassel lembrou que a agricultura familiar fornece mais de 90% dessas oleaginosas para as empresas produtoras, entre elas a mamona, o dendê, o amendoim e o algodão. E garantiu que é possível tornar estas culturas competitivas em relação à soja: "Isso se faz com pesquisa, sementes e assistência técnica adequadas ao plantio, e oferta de crédito na hora certa."

O ministro disse que com o B2 (adição obrigatória de 2% de biodiesel ao diesel mineral vendido nos postos) o Brasil está abrindo um caminho novo para produzir um combustível renovável, limpo e capaz de produzir inclusão social: "Acima de tudo, permite gerar trabalho e renda em locais onde isso é extremamente necessário. Na Região Nordeste, o aumento médio de renda anual dos pequenos produtores que aderiram à cadeia do biodiesel foi de até R\$ 3,5 mil, valor significativo naquele meio rural."

Cassel ressaltou ainda a importância do Selo Combustível Social, que se traduz em benefícios fiscais para empresas produtoras de biodiesel que priorizam a compra de agricultores familiares: "O governo brasileiro encontrou um forma original, inovadora e ousada de produzir energia e, ao mesmo tempo, garantir inclusão social". O selo já foi dado a 28 empresas e há mais de dez pedidos encaminhados, para avaliação neste ano.

O custo do biodiesel – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – Editorial – 06/01/2008

O óleo diesel deverá custar um ou dois centavos mais por conter 2% de biodiesel, combustível originário de oleaginosas, como mamona, palma, amendoim, dendê, babaçu e soja. A adição do biodiesel ao diesel, derivado do petróleo, é obrigatória desde terça-feira pela Lei 11.097, de 2005. O governo acredita que o custo adicional é baixo, tendo em vista os benefícios ambientais que advirão da mistura, mas não é bem isso o que pensam os consumidores.

O diesel é o principal combustível utilizado no transporte rodoviário, por caminhões e ônibus, ou na agricultura, por tratores. Neste ano, para um consumo total da ordem de 40 bilhões de litros, 800 milhões de litros de biodiesel deverão ser fornecidos por 120 usinas produtoras. A partir de 2013, a adição será de 5%, mas o governo cogita de elevar o percentual a 3% até 2009. Não se sabe se a produção atenderá a essa demanda.

A política do biodiesel prevê incentivos fiscais e é feita à custa do consumidor de diesel. Este contribuirá com 0,5% a 1% do preço do litro para o cumprimento de uma política pública, voltada para a melhora da qualidade do ar e para a redução do chamado efeito estufa, e para o surgimento de novos produtores.

Os efeitos ambientais dessa política certamente serão positivos, mas a obrigatoriedade da adição poderá gerar distorções no mercado.

O ministro de Minas e Energia, Nelson Hubner, admitiu que o biodiesel é “um pouco mais caro, mas a diferença é mínima e deve ser absorvida pelo mercado”. Um caminhoneiro que consuma mil litros de diesel numa viagem e tenha de desembolsar mais R\$ 10 a R\$ 20 tentará incluir o valor no custo do frete, adicionando leve pressão sobre índices de preços já pressionados por outros fatores, como o custo das commodities.

Ao lançar o programa do biodiesel, em 2004, o governo pretendeu estimular a agricultura familiar. Mas, na prática, os grandes plantadores de soja serão os maiores beneficiados, pois se estima que, hoje, 90% do biodiesel seja feito com o grão. “É a única matéria-prima disponível e abundante no País”, disse ao Estado (30/12, B5) Carlo Lovatelli, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais.

Se houver frustração da produção de soja, a política do biodiesel poderá causar algum descompasso entre oferta e demanda, em detrimento de consumidores de alimentos. A política para o biodiesel, portanto, deve ser conduzida sem ufanismo.

Biodiesel na Amazônia – Roberto Rodrigues – Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/01/2008

O dendê se constitui em excelente alternativa para recuperação de áreas degradadas da Amazônia

DESDE OS anos 1980, existem estudos na área do governo visando a produção do biodiesel como aditivo ou substituto do óleo diesel. Também são antigas as experiências privadas no mesmo setor. Mas foi o atual governo que realmente assumiu o compromisso com esse produto, dentro da percepção de que a agroenergia representa um novo paradigma agrícola para o mundo, com potencial de mudar a geopolítica planetária.

Há grandes diferenças entre o álcool e o biodiesel. Boa parte dessas diferenças se deve à enorme quantidade de matérias-primas para o biodiesel: desde sebo bovino e outros resíduos orgânicos até as fontes mais conhecidas, de origem agrícola, que também podem ser divididas em grãos e palmáceas. Entre os grãos, estão a soja, a mamona, o girassol, o pinhão-manso, o amendoim, o algodão, o nabo forrageiro e diversos outros.

E o biodiesel gerado por cada uma tem diferentes características, dificultando a padronização. Entre as palmáceas, a grande vedete hoje é o dendê -ou óleo da palma- e há espaços para outras no futuro, como é o caso da macaúba.

Os grãos chegam a produzir até mil quilos de óleo por hectare, e o dendê produz seis vezes mais. O problema é que o dendê demora quatro anos para começar a produzir, e os grãos são anuais.

Mas é evidente que, uma vez em produção, o dendê tem vantagens comparativas espetaculares, até porque o custo de implantação da planta só se dá uma vez, ao contrário dos grãos, semeado todos os anos.

Mais ainda: com tal diferença, o dendê demandaria um quarto da terra destinada aos grãos. E com duas vantagens: pode ser cultivado por pequenos produtores, como os da agricultura familiar, e se constitui em excelente alternativa para recuperação de áreas degradadas da região amazônica.

Essa planta, com habitat em regiões de clima equatorial chuvoso, teve sua variedade comercial mais conhecida -a *Elaeis guineensis*- desenvolvida nas estações experimentais francesas da Costa do Marfim e, quando a Embrapa, em 1980, criou seu Centro de Pesquisas na Amazônia, foi trazida ao Brasil. De lá para cá, os excelentes técnicos da Embrapa passaram a buscar espécies nativas da região amazônica, criando assim um banco de germoplasma, do que se originaram cruzamentos com a variedade africana, resultando em variedades híbridas superiores, resistentes até a doenças sérias, como o "amarelamento fatal".

Tem sido discutida a possibilidade de reflorestar áreas degradadas da região, seja de floresta cortada, seja de pastagens abandonadas, com palmáceas como o dendê, nativas ou exóticas.

Surgiu então uma reação de setores afins, contra o uso das variedades híbridas, sob a alegação de que tal recomposição se trata de passivo ambiental e que obrigatoriamente essas áreas devem ser reconstituídas com variedades nativas originais, não importando o resultado econômico da atividade. Nesse caso, os híbridos são considerados exóticos. E o plantador teria que se submeter a essa regra, mesmo com prejuízo. O assunto está no Congresso Nacional, ora em vias de apreciar o projeto de lei nº 6.424/05, que definirá a questão.

Mas tal definição deve encarar o "casamento" eco-eco, isto é, cuidar da ecologia com visão econômica, como forma de dar sustentabilidade ao povo da região. Afinal, há maior maravilha híbrida e totalmente nacional do que nossas mulatas e mulatos?

ROBERTO RODRIGUES, 65, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (Fundação Getúlio Vargas), presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp - Jaboticabal, foi ministro da Agricultura. Escreve aos sábados, a cada 15 dias, nesta coluna.

Distribuidoras prevêm alta do preço do diesel - Fabiana Ribeiro – O Globo – economia – 03/01/2008

Segundo sindicato varejista, porém, adição de 2% de biodiesel não seria motivo para reajuste

A adição de 2% de biodiesel ao óleo diesel — que passou a ser obrigatória no dia 1º de janeiro — pode tornar o combustível mais caro para os consumidores. Nas contas do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes, o aumento pode chegar a 1 ou 2 centavos por litro do diesel, o que representaria, em média, uma alta de 0,8% no preço do produto.

Hoje, o valor médio do litro do diesel é de R\$ 1,85, de acordo com a entidade.

— Existe uma possibilidade, bastante concreta, de o biodiesel ficar mais caro para o consumidor. E isso pode ser a qualquer momento, já que os preços são livres — disse Alísio Vaz, diretor do sindicato.

No entanto, na avaliação de Manuel Fonseca, presidente da Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis, Lubrificantes e Lojas de Conveniência do Município do Rio (Sindcomb), a adição de biodiesel não representará mais custos para o consumidor.

— Não há razão para qualquer reajuste para o consumidor.

Isso não vai acontecer — garantiu.

Com a mistura — que poderá aumentar já ao longo de 2008 para 3%, se houver decisão do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) —, o país deixará de importar R\$ 900 milhões por ano em óleo diesel, combustível que é altamente poluente. Em 2007, o Brasil importou cerca de 7% do diesel que consumiu, o que significou 2,9 bilhões de litros no ano.

Cerca de 35% do biodiesel utilizado no país a partir deste mês serão produzidos por unidades de agricultura familiar, principalmente o obtido a partir do óleo de mamona, soja, girassol, canola e dendê.

Biodiesel no Paraná – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 02/01/2008

A Secretaria de Agricultura do Paraná irá organizar os produtores rurais do centro-sul do Estado para que eles atendam à demanda por oleaginosas com a instalação da usina de biodiesel da Petrobras no município de Palmeira. Desde ontem, a mistura de 2% de biodiesel ao diesel é obrigatória no país.

Biodiesel estréia sem sustos, mas produtor se queixa dos preços - Patrick Cruz e Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 04/01/2008

O programa de mistura do biodiesel ao diesel está em vigor desde o dia 1º de janeiro no país e a radiografia atual mostra que apenas uma pequena parte do mercado nacional, cerca de 7%, ainda não está adaptada à nova realidade, segundo estimativa da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

"São problemas localizados, bem pontuais", afirma Edson Silva, superintendente de abastecimento da ANP. Conforme Silva, entre os problemas estão distribuidoras que não adquiriram o biodiesel em leilões promovidos pela Petrobras - oito de um total de 120 que atuam no país -, gargalos logísticos e até burocráticos, envolvendo produtoras que tiveram problemas com notas fiscais para repassar o produto às distribuidoras.

as, embora esse novo e promissor mercado seja considerado líquido e certo, com uma demanda mínima de 800 milhões de litros já neste ano, o programa ainda apresenta sinais de fragilidade, segundo analistas ouvidos pelo Valor.

A grande capacidade de produção é uma delas. Como a capacidade instalada já é muito superior à demanda atual - o dobro da atual necessidade do mercado (de 800 milhões de litros) -, os preços praticados não têm correspondido às expectativas dos investidores. Os custos de produção estão acima dos preços verificados nos leilões da Petrobras. "O governo esperava que o litro do biodiesel saísse entre R\$ 2 e R\$ 2,20, mas nos últimos leilões da Petrobras as cotações ficaram em R\$ 1,807", afirma José Vicente Ferraz, diretor-técnico da AgraFNP.

Em muitos casos, esse valor não cobriu os custos de fabricação, o que inibiu a participação de empresas que não têm escala de produção nos leilões. A soja, cujos preços estão em alta no mercado internacional, representa mais de 90% da base de produção do biodiesel brasileiro.

Neste semestre, a demanda por biodiesel está estimada em 380 milhões de litros. Outros 420 milhões são projetados para o segundo semestre. Até agora, a Petrobras adquiriu 380 milhões de litros, suficientes para garantir o abastecimento no primeiro semestre. Mas parte desse volume, apesar da larga capacidade disponível, é virtual, uma vez que as produtoras têm até junho para entregar o produto. Outros 100 milhões de litros foram adquiridos no último dia 21 de dezembro por Petrobras e Refap (empresa mista controlada pela estatal brasileira e sócia da Repsol), que serão destinados para a formação de um estoque estratégico, explica Silva, da ANP. Segundo ele, outros dois leilões para composição dos estoques acontecerão em março, mas os volumes de aquisição não foram definidos.

Ainda assim poucos acreditam que a Petrobras corre risco de não receber o produto. "Em caso de não entrega dos produtos, as produtoras ficam proibidas de participar dos futuros leilões", explica Silva. A distribuição do biodiesel funciona nos mesmos moldes do etanol. Ou seja, as produtoras vendem o produto para as distribuidoras, que buscam o combustível nessas unidades, efetuam a mistura e repassam para os postos.

As distribuidoras estão atualmente com estoques suficientes para entre dez e 15 dias, de acordo com cálculos de Alísio Vaz, vice-presidente executivo do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom). O volume é superior à estocagem dos outros combustíveis, que serão desovados em sete a dez dias.

Todos os postos de combustíveis começaram o ano com diesel sem mistura em seus tanques. Assim, quando o combustível com a mistura foi diluído sobre esse estoque inicial, a proporção ficou menor que os 2% compulsórios. Nada que implique autuações para os postos, segundo Vaz. "A fiscalização da ANP é feita nas distribuidoras, e não nos postos. Elas é que têm que fazer a mistura".

Segundo ele, os problemas de entrega de biodiesel detectados nas regiões Norte e Centro-Oeste não devem ser alardeados como sinais de falhas do sistema. "É prematuro e irresponsável julgar todo o programa apenas pelos problemas ocorridos no primeiro dia", diz Vaz. "Podem ter ocorrido dificuldades operacionais", afirma.

Nivaldo Trama, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Biodiesel (Abiodiesel), afirma que uma conjunção de fatores levou governo e empresários a "cair em uma armadilha". A abundância de crédito e a relativa simplicidade da tecnologia empregada na obtenção do óleo para a fabricação do combustível levaram muitas empresas

a entrar em um ramo ainda desconhecido no início do programa. "São 49 usinas autorizadas a operar pela ANP, mas dá para contar em uma mão as que têm condições de atender o programa", diz Trama. "Apostou-se na mamona como matéria-prima, mas as empresas mais fortes são as que trabalham com o complexo da soja. A mamona é cara, tem uma lavoura complicada e seu volume ainda é baixo. Não adianta bater em ferro frio. Essa é a realidade". O custo da mamona é alto, de R\$ 5,70 por litro, segundo a AgraFNP.

Crédito farto e tecnologia acessível montam, na visão de Trama, o tripé da "armadilha" com outro fator: "ninguém falou com o campo", afirma. "Montou-se um programa consistente, robusto, baseado na inclusão social do campo. A ascensão social de pequenos produtores tem que ocorrer de forma indireta. A maioria das pequenas empresas está desapontada".

A Abiodiesel, que reúne 17 empresas, a maioria de médio porte, tem como um de seus principais pleitos a antecipação da mistura obrigatória de 5% do biodiesel ao diesel de 2013 para 2009. Isso aumentaria a demanda e abriria espaço para empresas menores. Segundo a ANP, a antecipação é estudada, mas deverá ser gradual.

A usina da Comanche Clear Energy, localizada em Simões Filho (BA), é alimentada por um composto que inclui óleo de algodão, girassol, soja e sebo animal. "Estamos tentando evitar o uso de soja em virtude do preço. A margem está muito apertada", diz João Pesciotto, vice-presidente de novos negócios da Comanche. No leilão da ANP, realizado em novembro, a empresa acertou a venda de 20 milhões de litros.

A Comanche afirma ter obtido um pequeno ganho no leilão de que participou, mas pretende aumentar as plantações próprias de matéria-prima para ter um controle maior da produtividade e, assim, aumentar sua escala. Atualmente, metade do insumo consumido pela usina é fornecida por terceirizados. Na quarta-feira, a empresa anunciou um investimento adicional de US\$ 14 milhões na planta de Simões Filho. Desse montante, US\$ 10 milhões servirão para a compra de áreas para o plantio e para incentivar a agricultura familiar.

As expectativas do governo indicam uma economia de US\$ 500 milhões por ano com a mistura de 2% do biodiesel no diesel. Silva, da ANP, diz que o país importa 440 bilhões de litros de diesel/ano. A mistura de 2% vai substituir 7% do consumo do combustível.

Programa do biodiesel é exemplo para o mundo - Guilherme Cassel – Valor Econômico – Opinião - 14/01/2008

O ano começa com uma novidade no setor de combustíveis brasileiro: 2008 marca o início da adição de 2% de biodiesel ao diesel mineral. Em 2010, esse percentual deve subir para 5% e, dependendo do desempenho do setor e do próprio mercado de combustíveis, novos percentuais poderão ser estabelecidos, ampliando ainda mais a participação dos combustíveis renováveis na matriz energética. O Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) completa apenas dois anos, mas já mostra que veio para ficar. Com o biodiesel, o Brasil mostra ao mundo uma forma inovadora, ambientalmente sustentável e socialmente justa de produzir combustíveis.

Talvez, o viés mais importante deste programa é o fato de ele aliar a produção de um combustível verde, ambientalmente sustentável, com inclusão social. Como é um combustível que se planta, a sua produção traz benefícios ao meio rural, especialmente aos agricultores brasileiros. O Programa já incluiu 100 mil famílias no cultivo de oleaginosas

em todo o país, que tiveram suas rendas complementadas em até R\$ 3,5 mil ao ano, graças ao biodiesel. É importante assinalar que a agricultura familiar, este importante segmento da economia brasileira, responsável por 10% do PIB, foi vista com preconceito e descrença de que cumpriria prazos na produção de oleaginosas. Dois anos depois, o que se vê são produtores que se capacitaram, aprenderam a plantar novas culturas e hoje participam ativamente da cadeia de produção do biocombustível.

É importante assinalar, ainda, que a plantação de oleaginosas para a produção de biodiesel não substitui, em nenhuma hipótese, a produção de alimentos na agricultura familiar. O biodiesel é, antes de qualquer coisa, uma possibilidade de agregação de renda, uma renda adicional. As oleaginosas são cultivadas em forma de consórcio com as outras culturas, razão pela qual o agricultor não precisa escolher entre uma cultura ou outra podendo agregar uma cultura nova ao que sempre plantou. É preciso destacar também a segurança que a produção do biodiesel leva ao campo. Pela primeira vez na história, os agricultores familiares, especialmente os do semi-árido brasileiro, estão experimentando relações de produção que lhes dão segurança para seguir trabalhando e produzindo.

É bem verdade que houve um injusto preconceito contra a agricultura familiar e descrença quanto à eficiência dos produtores rurais em garantir matéria-prima para a produção do biodiesel. Hoje, os resultados mostram que este preconceito deve ser definitivamente exterminado. Apenas nos dois últimos leilões realizados pela Agência Nacional de Petróleo (ANP), em novembro, a agricultura familiar participou com 162 mil hectares de oleaginosas (mamona, soja, girassol, palma, amendoim, entre outras). Os agricultores familiares se capacitaram. Aprenderam a plantar novas culturas e hoje têm renda extra de até R\$ 3,5 mil por ano.

Agricultores familiares estão experimentando relações de produção que lhes dão segurança para trabalhar e produzir

A experiência brasileira é única ao tratar da produção de combustível, ligando a sua produção ao combate aos efeitos do aquecimento global e a geração de renda no campo. O PNPB já está dando certo e poderá ser referência importante para dezenas de países em desenvolvimento que poderão se inspirar na experiência brasileira, gerando renda e trabalho para centenas de milhares de famílias no campo, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção de uma matriz de combustíveis mais sustentável.

O conhecimento e a tecnologia acumulados pelo Brasil na produção de biodiesel representam uma grande oportunidade para impulsionar o desenvolvimento do nosso país e ajudar o mundo a encontrar alternativas energéticas ambientalmente sustentáveis. É possível combinar produção de alimentos com produção de energia sem aumentar a concentração de terras, a exclusão social e a destruição do meio ambiente. Mas essa combinação só será possível se não repetirmos erros do passado que provocaram um pesado passivo social e ambiental. A experiência brasileira com o biodiesel vem mostrando isso de modo absolutamente inovador.

Precisamos ter a sabedoria de transformar essa oportunidade em políticas de geração de emprego e renda e não de novas exclusões, em políticas que resultem em sustentabilidade ambiental e não em novas destruições, que fortaleçam a segurança alimentar e não a enfraqueçam. Essas políticas são orientadas por um sentido de desenvolvimento que prioriza o fortalecimento da agricultura familiar e incentiva o desenvolvimento regional. Trata-se de uma agenda que reforça a necessidade da política de

Reforma Agrária com geração de emprego e renda, regulação da ocupação de terras, construção de uma matriz energética diversificada e com o incentivo à agricultura familiar que produz a maior parte dos alimentos consumidos na mesa dos brasileiros. Os resultados obtidos até aqui mostram que estamos diante de uma grande oportunidade de melhorar a qualidade de vida do nosso povo, de construir um novo padrão de desenvolvimento e de ajudar o mundo a enfrentar a crise energética e ambiental.

Guilherme Cassel, engenheiro civil, é ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário.

Etanol

Incra descarta reintegrar famílias - José Maria Tomazela – Estado de São Paulo – Nacional – 03/01/2008

Grupo foi expulso por arrendar lotes para produtores de cana

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) de São Paulo considerou ontem “fora de questão” a hipótese de reintegração das 12 famílias expulsas do Assentamento Bela Vista, em Araraquara, interior de São Paulo, por terem arrendado os lotes para produtores de cana-de-açúcar.

De acordo com o Incra, os excluídos não serão beneficiados com a cessão de lotes em outros assentamentos, pois uma norma de 2005 proíbe nova inclusão de quem já foi beneficiário do programa de reforma agrária. O instituto argumenta que, além de prejudicar a diversidade de culturas antes mantida no assentamento, a exploração de cana se estendeu à área de reserva legal, que deveria ser preservada.

As vistorias do Incra no Bela Vista constataram que há cana em 80% dos 176 lotes, mas nos 12 havia características de monocultura, por isso seus donos foram expulsos. Mais de R\$ 1,3 milhão foi gasto em melhorias no assentamento, mas mesmo assim muitos assentados preferem a cana.

INVASÃO - No domingo, o grupo de excluídos de 12 lotes liderou uma invasão do assentamento que resultou em confronto. Vários barracos e um carro foram incendiados. Pelo menos 10 pessoas ficaram feridas. Os invasores disseram aos novos ocupantes que teriam de deixar os lotes imediatamente, senão seus barracos seriam queimados.

De acordo com uma fonte do Incra, antes de tomar qualquer medida o instituto vai aguardar a apuração da Polícia Civil sobre a eventual participação de assentados na invasão e tentativa de expulsar os novos ocupantes. Caso seja confirmada, os envolvidos também podem ser punidos administrativamente. A área permanecia ontem sob tensão e com vigilância da Polícia Militar. O assentado Alexandre Santos Fernandes, de 31 anos, foi esfaqueado em um bar do assentamento, mas não ficou provado se a briga teve relação com o confronto.

Gramínea é nova fonte de etanol, diz pesquisa – Estado de São Paulo – Vida & - 08/01/2008

AFP

Uma espécie de gramínea (*Panicum virgatum*) é nova fonte de etanol de alto rendimento, segundo pesquisadores americanos. A *P. virgatum* tem cerca de 2,5 metros de altura, cresce facilmente e permite a obtenção de 5,4 vezes mais energia do que a necessária para seu cultivo e processamento. O estudo foi realizado por bioquímicos da Universidade de Nebraska e publicado ontem pela *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*.

Biocombustível pode ser sujo, diz estudo – Eduardo Geraque – Folha de São Paulo – Ciência – 07/01/2008

Comparação entre 26 produtos "verdes" e gasolina indica que 12 são mais nocivos ao ambiente, até o álcool do Brasil

Certificados internacionais e uma política mais seletiva para o combustível feito a partir de biomassa é a saída, dizem os pesquisadores

Pôr-do-sol visto por trás de uma usina de álcool, produzido neste caso a partir de milho, no Estado norte-americano de Illinois

EDUARDO GERAQUE

DA REPORTAGEM LOCAL - Os biocombustíveis não são sempre melhores que os combustíveis fósseis em termos ambientais. A tese, defendida por uma dupla de pesquisadores do Instituto Smithsonian, na sua base no Panamá, inclui inclusive os produtos feitos no Brasil, seja a partir de cana-de-açúcar ou de soja.

"O álcool de cana-de-açúcar produz até 60% menos gases de efeito estufa, mas causa impactos ambientais bem maiores do que a gasolina se outros parâmetros forem considerados", afirma à Folha o pesquisador William Laurance, um dos autores do comentário sobre os biocombustíveis publicado na edição desta semana da revista científica "Science".

A revisão tem como base principal um estudo divulgado no ano passado na Suíça, feito com apoio estatal. A pesquisa analisou 26 tipos de biocombustíveis feitos no mundo. De um lado, ela mostrou que 21 deles reduzem em mais de 30%, na comparação com a gasolina, as emissões de gases que contribuem para o efeito estufa. Porém 12 são mais nocivos para o ambiente do que os combustíveis fósseis.

"Incluído o álcool de milho dos Estados Unidos e o de cana-de-açúcar do Brasil. Além do biodiesel, tanto o brasileiro, de soja, quanto o da Malásia, de palma", diz Laurance, que já trabalhou no Brasil, em Manaus, no Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia).

Sobre a cana-de-açúcar e a soja, apesar de o discurso oficial do governo brasileiro negar que estas monoculturas vão tirar o espaço de outras lavouras ou ainda causar mais desmatamento no cerrado ou na floresta amazônica, as críticas são várias, segundo Laurance.

Soja é pior - "A produção de cana-de-açúcar usa muita água e ainda provoca a poluição dos rios próximos", explica o pesquisador. "Os fertilizantes nitrogenados usados em grandes quantidades nas plantações, após serem quebrados em óxidos de nitrogênio, também vão afetar a camada de ozônio".

Para Laurance, também não é verdade que a cana não contribui em nada para o aumento do efeito estufa. "Isso ocorre, normalmente, quando os campos são queimados". Mas, no caso da soja, que também é produzida com a ajuda de fertilizantes com nitrogênio, a situação pode ser considerada ainda pior. "A soja [grão que esta semana atingiu um preço recorde no mercado internacional] é atualmente pior do que a cana-de-açúcar". Para Laurance, essa cultura é a principal protagonista do desmatamento na Amazônia. "O que torna ela mais poluente que a própria gasolina em termos de gases que contribuem para o efeito estufa".

Preços altos - A análise da dupla do Smithsonian também menciona um outro fator, nem sempre considerado segundo eles, quando se fala das vantagens dos biocombustíveis mundiais.

"A produção de combustível, seja de soja ou de cana, também causa um aumento no custo dos alimentos, tanto de forma direta quanto indireta. O preço do açúcar também está muito alto porque muitos produtores brasileiros estão produzindo apenas álcool".

Tanto o estudo original, feito pelo governo da Suíça, quanto a revisão da dupla dos Estados Unidos não condenam a produção dos biocombustíveis, mas defendem que as grandes estratégias de produção dos governos sejam feitas de forma mais seletiva. E que certificados internacionais para os produtos feitos a partir de biomassa sejam costurados com urgência.

Um dos exemplos de política errada, segundo Laurance, vêm do próprio Estados Unidos.

"Os subsídios multibilionários para a produção de milho parecem ser incentivos perversos, se eles forem analisados sob uma perspectiva racional de custo-benefício ambiental".

Da Folha de S.Paulo

Os biocombustíveis não são sempre melhores que os combustíveis fósseis em termos ambientais. A tese, defendida por uma dupla de pesquisadores do Instituto Smithsonian, na sua base no Panamá, inclui inclusive os produtos feitos no Brasil, seja a partir de cana-de-açúcar ou de soja.

"O álcool de cana-de-açúcar produz até 60% menos gases de efeito estufa, mas causa impactos ambientais bem maiores do que a gasolina se outros parâmetros forem considerados", afirma à Folha o pesquisador William Laurance, um dos autores do comentário sobre os biocombustíveis publicado na edição desta semana da revista científica "Science".

A revisão tem como base principal um estudo divulgado no ano passado na Suíça, feito com apoio estatal. A pesquisa analisou 26 tipos de biocombustíveis feitos no mundo. De um lado, ela mostrou que 21 deles reduzem em mais de 30%, na comparação com a gasolina, as emissões de gases que contribuem para o efeito estufa.

Porém, 12 são mais nocivos para o ambiente do que os combustíveis fósseis. "Incluído o álcool de milho dos Estados Unidos e o de cana-de-açúcar do Brasil. Além do biodiesel, tanto o brasileiro, de soja, quanto o da Malásia, de palma", diz Laurance, que já trabalhou no Brasil, em Manaus, no Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia).

Sobre a cana-de-açúcar e a soja, apesar de o discurso oficial do governo brasileiro negar que estas monoculturas vão tirar o espaço de outras lavouras ou ainda causar mais desmatamento no cerrado ou na floresta amazônica, as críticas são várias, segundo Laurance.

"A produção de cana-de-açúcar usa muita água e ainda provoca a poluição dos rios próximos", explica o pesquisador. "Os fertilizantes nitrogenados usados em grandes quantidades nas plantações, após serem quebrados em óxidos de nitrogênio, também vão afetar a camada de ozônio".

Para Laurance, também não é verdade que a cana não contribui em nada para o aumento do efeito estufa. "Isso ocorre, normalmente, quando os campos são queimados".

Mas, no caso da soja, que também é produzida com a ajuda de fertilizantes com nitrogênio, a situação pode ser considerada ainda pior. "A soja [grão que esta semana atingiu um preço recorde no mercado internacional] é atualmente pior do que a cana-de-açúcar".

Para Laurance, essa cultura é a principal protagonista do desmatamento na Amazônia. "O que torna ela mais poluente que a própria gasolina em termos de gases que contribuem para o efeito estufa".

A análise da dupla do Smithsonian também menciona um outro fator, nem sempre considerado segundo eles, quando se fala das vantagens dos biocombustíveis mundiais.

"A produção de combustível, seja de soja ou de cana, também causa um aumento no custo dos alimentos, tanto de forma direta quanto indireta. O preço do açúcar também está muito alto porque muitos produtores brasileiros estão produzindo apenas álcool".

Tanto o estudo original, feito pelo governo da Suíça, quanto a revisão da dupla dos Estados Unidos não condenam a produção dos biocombustíveis, mas defendem que as grandes estratégias de produção dos governos sejam feitas de forma mais seletiva. E que certificados internacionais para os produtos feitos a partir de biomassa sejam costurados com urgência.

Um dos exemplos de política errada, segundo Laurance, vêm do próprio Estados Unidos. "Os subsídios multibilionários para a produção de milho parecem ser incentivos perversos, se eles forem analisados sob uma perspectiva racional de custo-benefício ambiental".

Álcool 6,58% mais caro em dezembro – O Globo – Economia – 03/01/2008

Segundo pesquisa da ANP, combustível teve a maior alta de preço no país. O álcool foi o combustível que teve a maior elevação de preço no mês de dezembro na comparação com novembro, segundo o levantamento divulgado ontem pela Agência Nacional de Petróleo (ANP). O preço médio do litro do combustível em todo o Brasil aumentou 6,58%. A gasolina, cujo preço é pressionado pelo álcool, teve uma alta de 0,64%.

Os menores aumentos foram registrados no GNV, que subiu 0,29%, e no diesel, com alta de 0,21%.

Segundo a ANP, o preço médio do álcool em novembro ficou em R\$ 1,398 e, em dezembro, a média foi de R\$ 1,490. A pesquisa consulta os preços praticados em cerca de oito mil postos de combustíveis em todo o país.

O preço do litro de álcool vem subindo semanalmente em todo o Brasil. Na primeira semana de dezembro, o valor médio apurado pela ANP foi de R\$ 1,475 e na quarta semana alcançou R\$ 1,498, um aumento de 1,42%.

Preço da gasolina é afetado pelo aumento do álcool. A alta no preço do álcool já era esperada desde o fim de outubro, quando começou o período de entressafra da produção.

No município do Rio, o aumento chegou a 1,50%. Na primeira semana de dezembro, o preço médio registrado foi de R\$ 1,599, mas o mês fechou com o valor médio de R\$ 1,623.

O preço da gasolina, que tem 25% de álcool misturado, já começa a ser pressionado pela alta do álcool.

Nos preços registrados pela ANP em todo o Brasil, o valor médio do litro da gasolina na primeira semana de dezembro foi de R\$ 2,499 e na quarta semana chegou a R\$ 2,507, um aumento de 0,32%. Já no município do Rio o aumento foi de 0,80%. O valor médio do litro do combustível subiu de R\$ 2,483, na primeira semana, para R\$ 2,503 na última semana de dezembro.

Em todo o estado do Rio, o aumento registrado pela pesquisa de preços em 741 postos foi de 0,76%. No início do mês de dezembro, o litro da gasolina custava, em média, R\$ 2,489 e na quarta semana, R\$ 2,508.

Na comparação entre os valores colhidos pela ANP na primeira e quarta semanas de dezembro, o preço do metro cúbico do gás veicular GNV aumentou 1,30% no município do Rio, passando de R\$ 1,301 para R\$ 1,318. Aumento bem maior do que a média nacional, de 0,22%. Na primeira semana, a média era de R\$ 1,354 e subiu para R\$ 1,357 no fim do mês. O preço médio do óleo diesel também aumentou mais no município do Rio, entre a primeira e quarta semanas de dezembro: 0,38%. O litro do diesel subiu de R\$ 1,800 para R\$ 1,807. Na média nacional, o aumento foi de 0,10%.

Finep no sucroalcooleiro – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 10/01/2008

A Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), agência de inovação do Ministério de Ciência e Tecnologia, aprovou investimento em um novo fundo de capital semente (projeto em estágio inicial). Será criado um fundo para investir na área de tecnologia e inovação e também no setor sucroalcooleiro.

Contexto – Valor Econômico – Agronegócios - 10/01/2008

De olho na "disputa" entre grãos e biocombustíveis por grãos, o Ministério da Agricultura levou em consideração, no trabalho divulgado ontem, que a produção mundial dessas commodities aumentou 5,52% entre as safras 2006/07 e 2007/08 - para 2,1 bilhões de toneladas - como consta nas estatísticas mais recentes do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Os três maiores países/região produtores de grãos atualmente são, pela ordem, EUA (413,8 milhões de toneladas), China (391 milhões) e União Européia (253 milhões). Depois vêm Índia (201,8 milhões), Rússia (75,8 milhões), Brasil (64,3 milhões) e Argentina (43,7 milhões). Mas, conforme análises já publicadas pelo Valor, poucos países têm tantas condições de elevar sua produção agrícola nos próximos anos do que Brasil e Argentina. Ambos têm terras disponíveis - convencionou-se calcular que o Brasil pode dispor, para os grãos, de cerca de 90 milhões de hectares hoje dedicados à pecuária extensiva. São crescentes, nesse sentido, os investimentos estrangeiros nos principais sócios do Mercosul. Na Argentina, aliás, os principais aportes externos têm vindo do Brasil, cujos frigoríficos de carne bovina estão em expansão agressiva.

Ministério prevê cenário promissor para o campo – Valor Econômico – Agronegócios - 10/01/2008

Já considerado uma potência do agronegócio, dono de expressivas participações nas exportações mundiais de açúcar e álcool, café, suco de laranja, soja e carnes, o Brasil tem pela frente a oportunidade de aproveitar a crescente demanda global por alimentos e biocombustíveis e ampliar a força que tem no setor.

Projeções divulgadas ontem pelo Ministério da Agricultura sinalizam crescimentos vultosos na produção e nas exportações dos atuais carros-chefes do campo nacional até o ano agrícola 2017/18. Entre os produtos pesquisados, o maior aumento de produção esperado é o do álcool, mas o cenário confirma expansão de praticamente todos os itens que já garantem uma elevada participação do agronegócio no PIB brasileiro.

Preparado pela Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, coordenada por José Garcia Gasques, o documento "Projeções do Agronegócio - mundial e Brasil - 2006/07 a 2017/18", o estudo levou em consideração cenários traçados por órgãos como FAO (braço da ONU para agricultura e alimentação), USDA (Departamento de Agricultura dos EUA), CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) e Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), entre outras organizações multilaterais e centros de pesquisa brasileiros.

Segmentos do agronegócio nacional, como as cadeias de carnes bovina e de frango, têm divergências quanto a alguns números apresentados, mas não questionam as tendências apontadas. No documento apresentado, a equipe de Gasques também ressalva que não se tratam de projeções estáticas e que os dados deverão sofrer revisões periódicas. É o terceiro

trabalho do gênero produzido pela Assessoria de Gestão Estratégica do ministério, criada em 2006, e a série serve de base para o planejamento estratégico da Pasta.

Para o etanol, realidade doméstica que têm boas perspectivas externas no longo prazo, o ministério projeta a produção brasileira em 41,6 bilhões de litros em 2018, mais que o dobro que o volume observado em 2007. O horizonte traçado mantém o consumo interno como principal âncora (30,3 bilhões de litros em 2018), mas aponta um importante reforço nas exportações do país (11,3 bilhões de litros). Para o açúcar, o cenário para o Brasil também é de aumento da produção (40%, para 43,2 milhões de toneladas) e das exportações (59,9%, para 31,3 milhões).

Para os grãos, são igualmente promissoras as curvas de crescimento desenhadas para soja e milho, com influência marcante do projetado incremento da demanda internacional, mas também espera-se avanços para arroz e feijão, dois produtos marcadamente de mercado interno. Hoje o principal produto do agronegócio nacional, a soja deverá registrar altas de 30,7% na produção (para 75,3 milhões de toneladas no ciclo 2017/18) e de 22,7% nas exportações (para 38,9 milhões). Confirmada a estimativa, o Brasil se consolidará como principal exportador do mundo, com fatia de mais de 30% nos negócios mundiais.

Mas "intenso dinamismo" mesmo deverá ser observado no segmento de carnes e leite. Tanto produção quanto consumo interno e exportações deverão registrar franca expansão. Para o leite, por exemplo, o ministério prevê aumento de 24% na produção até 2017/18, para 33,1 bilhões de litros, e de 22,1% no consumo doméstico. Destacam-se, também, as previsões de que a produção de carne de frango superará a de carne bovina - o mesmo deverá acontecer nas exportações - e que o consumo doméstico da primeira crescerá mais que o da segunda.

Para o café, finalmente, o céu não está tão azul. A produção deverá diminuir até 2017/18 (8% em relação a 2006/07, para 39,11 milhões de sacas de 60 quilos. Mas as exportações deverão crescer 9,8% e o consumo doméstico, 35,4%.

Mais em www.agricultura.gov.br

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Biodiesel

Biodiesel em alta – Valor Econômico – Agronegócio – Curtas – 08/01/2008

A Argentina planeja mais que duplicar este ano sua capacidade de produção de biodiesel de soja. Segundo o Ministério da Agricultura, a capacidade crescerá de 600 mil para 1,5 milhão de toneladas.

Etanol

Etanol sofre primeiro revés na UE - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 15/01/2008

Academia de Ciências do Reino Unido pede mais 20 anos para que o continente se adapte aos biocombustíveis

A Academia Real de Ciências do Reino Unido - conhecida como Royal Society - alerta que as metas para o uso do etanol na Europa não ajudarão a cortar as emissões de dióxido de carbono (CO₂) e pede um prazo de mais 20 anos para que o continente se ajuste aos novos combustíveis. Ontem mesmo, a União Européia (UE) anunciou que poderá rever a meta de ter 10% de seus carros movidos a etanol até 2020.

Trata-se da primeira grande virada contra o etanol por parte da UE desde que a euforia sobre o combustível começou há dois anos no continente. Nos últimos meses, várias organizações não-governamentais vêm questionando o uso do etanol na Europa, o que chegou a levar o Brasil a organizar palestras e encontros para negar os efeitos negativos do combustível para o meio ambiente.

O estudo da academia britânica foi encomendado pelos dirigentes europeus, que queriam uma palavra final sobre o impacto do etanol para o meio ambiente. Segundo o estudo, esforços dos governos para introduzir o etanol não conseguirão reverter as emissões de CO₂.

Na Inglaterra, o plano era de ter 5% do consumo alimentado por biocombustíveis até 2010. Mas a estratégia pode acabar exigindo que os ingleses usem fontes de energia pouco eficientes para que possam cumprir a meta. Em lugar de colocar metas de uso do biocombustível, os especialistas indicam que o governo deveria promover metas de redução de emissões.

PAPEL IMPORTANTE - Segundo John Pickett, um dos autores do projeto, isso irá incentivar os produtores a ampliar a produção dos combustíveis já existentes e acelerar o desenvolvimento de novos produtos.

A Academia de Ciências não nega que os biocombustíveis podem ter um “papel importante” na luta contra as mudanças climáticas. Mas o que Pickett argumenta é que nem todos os biocombustíveis têm o mesmo efeito, e a devastação pode estar ocorrendo nas florestas brasileiras.

“A redução de emissões depende de como as plantas são cultivadas (para fabricar o etanol) e como são convertidas em combustíveis. Portanto, aumentar de forma indiscriminada o total de biocombustível não levará automaticamente à maior redução de emissões”, disse Pickett.

Como recomendação, a Academia pediu que as metas impostas fossem prorrogadas por mais 20 anos para possibilitar que empresas possam fazer os investimentos necessários nas produções consideradas como as mais adequadas no etanol. Os cientistas também sugerem que cada um dos biocombustíveis seja estudado e uma avaliação ambiental e social sobre cada um deles seja produzida.

Para concluir, o estudo ainda pede que a UE adote leis que garantam que apenas biocombustíveis que reduzam as emissões de CO₂ sejam autorizados a ser desenvolvidos no continente.

Em entrevista à BBC, o comissário europeu para o Meio Ambiente, Stavros Dimas, admitiu que prefere abandonar a idéia das metas a pôr em risco o ambiente. Ele ainda reconheceu que, quando a idéia de introduzir o etanol foi adotada em 2005, poucos sabiam dos potenciais problemas, como o desmatamento de florestas no Brasil, Colômbia e Ásia.

BARREIRAS - Outro problema teria sido a alta nos preços de alguns alimentos por causa do maior uso de terras para a plantação de milho nos Estados Unidos. “Os problemas ambientais e sociais provocados pelos biocombustíveis são maiores do que pensávamos”, disse Dimas.

Já a Academia de Ciências elogia os esforços do Brasil em garantir que o impacto social do etanol seja amenizado. Mesmo assim, para tentar evitar danos, a UE está elaborando um certificado ambiental e social que todos os produtores terão de ter para poder vender o etanol no mercado europeu.

O Brasil já alertou aos europeus que não aceitará que o certificado represente uma nova barreira ao comércio e ameça levar o caso aos tribunais da Organização Mundial do Comércio (OMC). Mas o certificado deve ser mesmo adotado nos próximos meses.

Na Europa, o setor dos transportes apresenta um consumo de 84 milhões de barris de petróleo por dia. Em 2030, essa taxa chegará a 116 milhões de barris por dia.

No caso do desenvolvimento de biocombustíveis sintéticos, as estimativas são de que o custo de produção seja de até US\$ 110 por litro, valor acima do que hoje é pago pelo petróleo.

Cai receita com exportações de álcool – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/01/2008

Queda de cotação do produto no mercado externo faz recuar valor em dólares, mas volume embarcado aumenta 7,3%

De janeiro a outubro de 2007, as vendas de álcool a outros países totalizaram US\$ 1,291 bilhão, valor 3,3% menor do que o de 2006

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA - Apesar do crescimento explosivo das exportações, registrado desde 2003, e da quantidade quase inexpressiva de importação, a receita com o comércio exterior de álcool diminuiu em 2007 na comparação com 2006.

O motivo é a queda da cotação internacional do produto. De janeiro a outubro de 2006, o preço médio do álcool combustível exportado pelo Brasil ficou em US\$ 0,47 o litro. No mesmo período de 2007, caiu para US\$ 0,42, segundo o Ministério do Desenvolvimento.

De janeiro a outubro de 2007, foram exportados 3,061 bilhões de litros de álcool, volume 7,3% maior do que o registrado no mesmo período de 2006. Em termos de valores, no entanto, houve queda. Em 2007, de janeiro a outubro, as vendas de álcool no mercado externo somaram US\$ 1,291 bilhão, valor 3,3% menor do que o verificado no mesmo período de 2006.

Quantidade - Além da queda de preço, em 2007 houve forte aumento na quantidade importada de álcool. De janeiro a outubro de 2006, praticamente não se importou álcool (222 mil litros) no país. No mesmo período de 2007, a compra de outros países saltou para 1,969 milhão de litros. Apesar desse crescimento, as importações representam volume equivalente a 0,1% das exportações e têm pouco efeito na balança comercial.

A Petrobras estuda investir em um alcoolduto entre as cidades de Senador Canedo (Goiás) e o terminal portuário de São Sebastião, em São Paulo, com capacidade para 12 bilhões de litros por ano. Um ramal desse duto deverá ligá-lo à hidrovia Tietê-Paraná. Segundo a empresa, o projeto será ofertado ao mercado para ser usado para quem queira exportar álcool. A estatal tem projeto para outro duto, ligando Campo Grande (Mato Grosso do Sul) ao terminal portuário de Paranaguá (Paraná).

Mais projetos - Associada à Mitsui (conglomerado japonês com atuação em energia e commodities), a Petrobras tem avaliado cinco projetos-piloto de usinas de produção de álcool, que farão parte de uma base inicial de produção e exportação para o mercado japonês.

A estatal deverá investir US\$ 3,4 bilhões na produção, na armazenagem e no transporte de biocombustíveis no período de 2008 a 2012. *(**HUMBERTO MEDINA**)

DO ENVIADO ESPECIAL A DES MOINES

Senador por Connecticut, o pré-candidato democrata Chris Dodd diz que o próximo presidente dos EUA deve apoiar uma parceria com o Brasil para a importação de álcool. "O álcool é, com certeza, a opção de combustível renovável dos Estados Unidos e vamos precisar de mais fontes além do milho. Eu apoiaria uma relação comercial com o Brasil nesse setor. Seria saudável para todos nós", disse à **Folha**, na entrada do Centro de Convenções de Des Moines.

Patinando nos 1% ou 2% nas pesquisas de intenção de voto nos caucus e primárias do país, Dodd, 71 anos, tem grande exposição na mídia por ser um dos candidatos mais experientes. Jornais americanos especulam sobre a possibilidade de o candidato desistir de concorrer e passar a apoiar Hillary.

Um dos sinais dessa aproximação entre os candidatos foi um telefonema recente do ex-presidente Bill Clinton para parabenizá-lo pela boa performance em um debate. Cercado por ao menos seis assessores de campanha, o democrata foi breve na resposta sobre a parceria do Brasil para importação e não disse que tipo de vantagem ofereceria aos produtores brasileiros.

Protecionismo - O Partido Democrata é tradicionalmente mais protecionista na economia e reluta em abrir espaço para baixar taxas de importação. Barack Obama, por exemplo, já declarou que os EUA devem produzir seu próprio álcool para não simplesmente trocar a dependência estrangeira do petróleo pela de um outro combustível.

Iowa é o principal produtor de álcool no país e, para Dodd, "o ideal é que o Estado consiga fazer o mesmo que o Brasil conseguiu fazer com a cana-de-açúcar, uma produção suficiente para o mercado do país".

O apoio à produção local de álcool de milho foi tema obrigatório para os candidatos em campanha em Iowa. Hillary Clinton, que já votou contra subsídios à produção de milho para combustível, passou a defender a idéia. Barack Obama se deixou fotografar visitando plantações no Estado.

O republicano John McCain é o único a se posicionar contra a idéia de subsídios. "McCain se opõe a subsidiar etanol e combustíveis renováveis não porque seja contra o álcool, mas porque ele acredita que as forças de mercado podem trazer combustíveis alternativos para o mercado", disse ao "Financial Times" Douglas Holtz-Eakin, assessor político da campanha de McCain

Álcool de milho - Com 89% de suas terras cobertas por fazendas, o Estado de Iowa tem a liderança nacional na produção de milho como "grande orgulho", segundo peças de

propaganda espalhadas pela capital Des Moines, onde bonecos em formato de espiga são vendidos como souvenir.

A produção é de 850,5 milhões de galões de álcool por ano. Novas plantações e fábricas em construção deverão elevar esse total para mais de 1,1 bilhão de galões até o fim do ano. O Estado é vice no ranking dos maiores produtores de soja e carne vermelha. E é líder nacional na produção de ovos e carne de porco.

A capital Des Moines, aliás, sedia anualmente uma feira chamada World Pork Expo, a maior do setor, que tem produtores brasileiros entre os principais visitantes. Com quase três milhões de habitantes, o Estado de Iowa é apenas o 30º entre os 50 do país em população. **(DB)**

Britânicos lançam dúvida sobre biocombustíveis – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/01/2008

Corte de emissão pode ser insuficiente, diz estudo

DA BLOOMBERG - Um esforço promovido pelo governo do Reino Unido para aumentar o uso de biocombustíveis na região pode não ser suficiente para fornecer reduções significativas nas emissões de gases geradores do efeito estufa. Foi o que disse a academia de ciências britânica, a Royal Society, em relatório divulgado ontem.

De acordo com o programa de Responsabilidade Legal de Combustíveis Renováveis para os Meios de Transporte do Reino Unido, os fornecedores devem garantir que, até 2010, 5% dos combustíveis comercializados sejam produzidos a partir de produtos vegetais.

O programa não especifica quais biocombustíveis devem ser usados. Como resultado, o Reino Unido poderá ficar "obrigado" a usar fontes ineficientes de energia, disse a Royal Society. O governo britânico deveria mudar essa política para que ela possa "promover combustíveis com os mais baixos níveis de emissões ao, por exemplo, definir uma meta de redução de emissão de gases geradores do efeito estufa", disse em comunicado divulgado por e-mail John Pickett, professor da Royal Society que coordenou a elaboração do relatório.

"Isso ajudará a encorajar a melhoria de combustíveis existentes e a acelerar o desenvolvimento de novas fontes de energia", afirmou Pickett, no comunicado. Uma vez que o setor de transportes do Reino Unido é responsável por 25% das emissões britânicas de dióxido de carbono -gás que é considerado por cientistas da ONU (Organização das Nações Unidas) como o principal causador do aquecimento global-, os biocombustíveis poderiam desempenhar "um papel importante" tanto interna quanto externamente no combate às mudanças climáticas, disse o relatório da Royal Society.

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Agrenco muda sede e mira energia - Bettina Barros – Valor Econômico – Agronegócios - 18/01/2008

A abertura de capital em outubro do ano passado já está provocando as primeiras modificações na trading Agrenco. A mais imediata é a reestruturação física da empresa, cuja sede, em São Paulo, será transferida para a Suíça. A idéia é unificar as diferentes áreas de atuação em Genebra. Prestes a mudar de casa, diretores da empresa reúnem-se hoje (dia 18) em Lindóia (SP) para discutir novas estratégias e desafios.

Entre eles, investimentos em biocombustíveis e energia. A expectativa é de operar já em março a primeira usina de biodiesel, em Alto Araguaia (MT). Ela depende ainda de licenciamento ambiental. Até o fim do ano também deverão entrar em ação as usinas em Caaparó (MS) e Marialva (PR). Os três complexos terão capacidade estimada de produção de 450 milhões de litros de biodiesel por ano, com investimento de US\$ 150 milhões.

"Em duas delas, de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, investiremos em energia a partir do biodiesel", disse ao Valor o norueguês Svein Ove Faksvag, diretor de energia da Agrenco, na primeira entrevista à imprensa após o período de silêncio. Ele estima produção de 320 mil MWh por ano, que serão vendidos à rede.

O grupo espera também vender créditos de carbono no mercado internacional, com a substituição de energia suja por limpa. Se usada toda a capacidade de produção, as usinas deixariam de emitir 1 milhão de toneladas de CO₂ por ano. A Agrenco aguarda a aprovação da metodologia para projetos de biodiesel na ONU.

A empresa estima ter faturado US\$ 1,5 bilhão no ano passado.

Biodiesel da Petrobras – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 21/01/2008

A Petrobras iniciará em abril a operação de sua primeira usina de biodiesel. A fábrica, localizada em Candeias (BA), produzirá 57 milhões de litros de biodiesel/ano e poderá processar dendê, soja, algodão, girassol, mamona, pinhão manso, amendoim e sebo bovino.

Macaúba no biodiesel – Valor Econômico – Agronegócios – 25/01/2008

A Embrapa Cerrados começou a mapear as áreas nativas de macaúba para estudar a viabilidade de sua utilização na produção de biodiesel. Estão em análise fatores como produtividade, época de florescência, quantidade de cachos e forma de germinação. O trabalho soma-se às primeiras em Montes Claros (MG) dos frutos, flores e folhas de pequi. O trabalho para encontrar fontes alternativas para a produção de biodiesel inclui ainda o pinhão-manso, já adotado por algumas usinas, e tucumã.

Etanol

Embraer pesquisa o uso de combustível 'verde' nos aviões - Mariana Barbosa – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 30/01/2008

Em parceria com a pioneira Tecbio, a empresa estuda várias tecnologias de bioquerosene

A Embraer está investindo no desenvolvimento de diferentes tecnologias de bioquerosene de aviação. Um dos projetos envolve a Tecbio, empresa de pesquisa do Ceará pioneira no desenvolvimento de biodiesel.

A Tecbio vem desenvolvendo uma pesquisa sobre bioquerosene desde 2006, em parceria com a Boeing. A Embraer entrou no mesmo projeto, mas colaborando em diferentes etapas da pesquisa. “As duas parcerias são complementares”, diz o coordenador do programa de desenvolvimento tecnológico de bioquerosene da Tecbio, Ayres Correia de Sousa Filho. “A linha de pesquisa é uma só, mas, diante da complexidade do assunto, foi necessário envolver mais do que uma empresa.”

O bioquerosene tem com base uma mistura de óleos vegetais. Ayres não revela o nome das matérias-primas vegetais que estão sendo usadas.

Os engenheiros da Tecbio foram responsáveis por um projeto de bioquerosene de aviação financiado pela Aeronáutica em 1984. O projeto não tinha nada de ambiental. A preocupação era de segurança nacional, para reduzir a dependência nacional do petróleo.

À época, o bioquerosene, em sua forma pura, sem mistura, chegou a ser utilizado durante um voo-teste, em um avião Bandeirante, de São José dos Campos a Brasília. Mas o projeto foi engavetado pela Aeronáutica e todos os relatórios da pesquisa, feita pelo engenheiro fundador da Tecbio, Expedito Parente, permanecem sob sigilo. “Estamos tentando resgatar esses relatórios”, diz Ayres. “Em uma conversa informal com um militar que fez o voo na época soube que a emissão de poluentes era 70% a 80% menor.”

Desta vez, já foram realizados alguns testes preliminares. Além do bioquerosene puro, a Tecbio está testando uma mistura de bioquerosene com querosene de aviação.

A parceria com a Tecbio é apenas um dos projetos de biocombustível nos quais a Embraer está envolvida. “Estamos trabalhando em vários projetos, com parceiros diferentes, na busca de combustíveis alternativos, e tentando minimizar as modificações necessárias nos aviões”, afirma diretor de Estratégias e Tecnologias de Meio Ambiente, Graciliano Campos. Segundo ele, os estudos realizados até o momento mostram que a tecnologia é viável. Pelo cronograma do projeto mais avançado, o primeiro voo-teste com o bioquerosene deve acontecer em meados de 2009.

Todos os projetos envolvem pesquisa de bioquerosene. Pioneira no uso do etanol na aviação, com o avião agrícola Ipanema, a Embraer não tem projetos para uso de etanol nos

jatos. “Não abandonamos as pesquisas com etanol, mas para motores a jato isso implicaria em um desafio muito grande.”

Com a pressão sobre companhias aéreas para reduzir as emissões de gases que contribuem para o efeito estufa, os fabricantes iniciaram uma corrida para tornar o avião ainda mais eficiente. “Devido aos altos custos do combustível, a indústria aeronáutica sempre buscou avanços tecnológicos”, diz Campos. “Os aviões hoje emitem 70% menos poluentes que há 40 anos.”

Assim como as demais fabricantes, a Embraer também busca ganhos de eficiência com o aprimoramento da estrutura aerodinâmica dos aviões. “Há uma nova geração de inovações tecnológicas que reduzem o atrito e tornam os aviões mais eficientes”, afirma Campos.

A empresa aderiu ao uso de madeira certificada no interior dos jatos executivos e tem se esforçado para reciclar praticamente todo resíduo de sua produção, do óleo da cozinha do refeitório a metais pesados que antes eram descartados.

Álcool frustra investidores e produtores – Elvira Lobato e Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008

Chamados de "heróis" por Lula na era da euforia, usineiros freiam projetos de expansão e dizem que boom do álcool não se comprovou - Produção deve continuar excedendo o consumo até 2010, diz BNDES; ao menos 25 projetos de usinas foram adiados ou reavaliados

Ao menos no curto prazo, o mercado do álcool frustrou os que acreditaram nas promessas de novo eldorado verde dos negócios. A euforia de investidores e empresários com o crescimento do setor, iniciada em 2006, arrefeceu com a queda nos preços do produto no mercado interno e com as dificuldades para a exportação, que não se abriu na velocidade alardeada pelo governo.

Segundo informações de empresários, ao menos 25 projetos de implantação de novas unidades industriais foram adiados ou reavaliados.

Há no país 367 usinas em funcionamento, com a previsão de mais 29 entrarem em operação neste ano.

As exportações de álcool caíram 14% -de 3,6 bilhões de litros em 2006 para 3,2 bilhões de litros em 2007-, e estudo inédito do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) admite possibilidade de excedente de produção de 10% até 2010, a depender da evolução do preço da gasolina. A partir daí, projeta um longo ciclo de crescimento sustentado, principalmente, pelo mercado interno.

No auge da euforia, em 2007, o presidente Lula chamou os usineiros de heróis: "Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste país, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool", afirmou.

Os investidores acreditam no potencial do mercado a médio e longo prazos, mas dizem que o setor tirou o pé do acelerador, no curto prazo.

Pelas projeções do governo, o consumo de álcool hidratado vai ultrapassar o de gasolina em 2016. No ano passado, o consumo de gasolina foi três vezes maior. A aposta no mercado interno, como força de sustentação da produção, baseia-se nos carros flex (bicombustíveis), que representam quase 90% dos novos veículos.

O governo nega ter havido otimismo demais: "Houve excesso de declarações, mas quem lida com o setor previa dificuldades na exportação", afirma o diretor do departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, Ricardo Dornelles.

Desaceleração - Os sinais de desaceleração são confirmados por vários segmentos. A Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) mandou equipe ao campo para apurar se os projetos com início de produção previsto para este ano estão confirmados ou se terá de rever a próxima safra.

"Os preços da safra 2007/ 2008 caíram muito. Não remuneram nem o custo de produção. A indústria não gerou caixa nem registrou lucro suficiente para remunerar os investimentos", declarou o diretor-técnico da Unica, Antonio Pádua.

Para o especialista Josias Messias, presidente do "Jornal Cana", de Ribeirão Preto (SP), até 25 projetos foram adiados.

"Os adiamentos ocorrem entre grupos menores, que dependem do caixa gerado pela atividade para financiar os investimentos. Com os preços em baixa, ficaram sem fôlego - 25% dos novos projetos estão nessa situação", diz Messias. O preço médio do álcool hidratado, ao produtor, em São Paulo, que chegou a R\$ 1,25/litro em março de 2006, estava em R\$ 0,71 na semana passada.

Um exemplo é o do grupo Equipav, que reduziu o tamanho de um novo projeto em Mato Grosso do Sul, com início de operação previsto para 2010. "A desaceleração está ocorrendo. O ritmo dos projetos se reduziu. Poderíamos fazer uma safra muito grande, de 2,5 milhões de toneladas de cana, mas vamos produzir 1,8 milhão de tonelada", diz Newton Salim Soares, diretor da Equipav. "Uma boa parte dos projetos não vai virar nada. Quantos vão adiante? Não sei. Muita gente sonhou com ganhos extraordinários", diz Marcelo Vieira, presidente da Adecoagro, que investe na construção de usinas e da qual o investidor George Soros é o principal acionista.

Exportações de álcool têm queda de 14% - Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008

Produção recorde de combustível a partir do milho nos Estados Unidos reduz pretensão brasileira de aumentar embarques

Previsão para 2008 aponta para estabilidade ou, no máximo, ligeiro aumento no volume das vendas para outros países, diz indústria

DA SUCURSAL DO RIO - Animados inicialmente com a visita do presidente dos EUA, George W. Bush, em março do ano passado, produtores de álcool viram as expectativas com o aumento das exportações se frustrarem. As vendas externas do produto caíram de 3,6 bilhões de litros em 2006 para 3,2 bilhões de litros, segundo dados da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar). Trata-se de uma redução de 14%.

Como a possibilidade de exportações maiores para os EUA, o setor chegou a estimar vendas ao exterior de até 5 bilhões de litros em 2007. A meta não se concretizou especialmente por causa da queda de preço do álcool produzido a partir do milho no mercado americano, em razão da produção recorde do ano passado.

As expectativas para 2008 não são nada alvissareiras: o setor estima exportações no mesmo nível ou, no máximo, um pouco maiores do que em 2007.

"O mercado externo não deve crescer no curto prazo. Uma expansão depende de os EUA definirem uma nova política de subsídios e de proteção", diz o diretor-técnico da Unica, Antonio Pádua.

Os EUA protegem a produção de álcool de milho com barreiras tarifárias e subsídios que somam US\$ 0,54/litro, o que reduz a competitividade do álcool brasileiro, embora o produto tenha custo mais baixo.

Por causa do forte protecionismo americano, o Brasil só consegue vender álcool aos EUA quando os preços do produto estão muito elevados. Não foi o que aconteceu em 2007, quando houve uma superprodução e os preços caíram.

"A entrada muito forte de novos investimentos nos EUA aumentou a produção e fez os preços caírem, fechando uma janela de exportação para o álcool brasileiro", avalia Rogério Manso, vice-presidente da Brenco. A empresa, constituída por investidores brasileiros e estrangeiros, planeja construir oito usinas no país.

José Carlos Toledo, presidente da Udop (União dos Produtores de Bioenergia), também se mostra cético quanto à expansão das exportações brasileiras. "O grande problema é o protecionismo", diz.

Para o BNDES, EUA e Europa retardam a abertura dos seus mercados até que consigam desenvolver tecnologia para a produção em larga escala do álcool de segunda geração (a partir da celulose) a preço competitivo. "Os EUA não vão fazer grandes

concessões [ao Brasil]. A troca do que eles vão abrir o mercado?", indaga Paulo Faveret, gerente do Departamento de Biocombustíveis do banco.

Faveret acredita que o grande potencial está no mercado doméstico, alavancado pelas vendas de carros flex.

"A visita do Bush foi melhor para ele do que para o Brasil. Não há sinal de abertura do mercado americano. Ao contrário, eles estão entrando com apetite na produção de álcool e no desenvolvimento da segunda geração", afirma o especialista Aldo Castelli, ex-presidente da Shell no Brasil.

Japão - Outra promessa que só ficou nas intenções era a exportação para o Japão, que estuda há mais de dois anos acrescentar 2% de álcool à gasolina. O país asiático quer garantia de suprimento. Por isso, a Petrobras entrou na negociação, que até agora não deslanchou. "O Japão quer contratos de longo prazo, de 15 anos", disse Paulo Roberto Costa, diretor de Abastecimento da Petrobras, que prospecta projetos de usinas nas quais será minoritária com a japonesa Mitsui. **(EL e PS)**

Estrangeiros mantêm seus investimentos – Folha de São Paulo- Dinheiro – 20/01/2008

DA SUCURSAL DO RIO - O boom do álcool atraiu ao país novos investidores. Muitos deles são grandes fundos estrangeiros, que enxergam a oportunidade de ganhos vultosos e não sentiram ainda a desaceleração do setor. Houve gente que tentou, mas nem chegou a entrar no boom do álcool.

Armínio Fraga, sócio da Gávea Investimentos, diz que buscou negócios no setor, mas não fechou nenhum. Achou valores muito elevados com a forte exposição do setor. "Simplesmente, os negócios não aconteceram."

Os novos investidores, diferentemente dos que já estavam no mercado, não pisaram no freio em seus projetos. Capitalizados e sem depender do fluxo de caixa para tocar novos empreendimentos, como ocorre com quem já está no setor, os "neófitos" continuam otimistas.

"Não mudamos a nossa estratégia em razão de mudanças momentâneas de mercado. Qualquer investimento estrutural do setor não pode olhar apenas o horizonte de dois anos, mas de cinco, dez anos", afirma Sérgio Thompson-Flores, presidente da Infinity Bioenergy, empresa da qual é sócio ao lado de investidores estrangeiros.

Para tocar suas oito usinas (algumas em fase de implantação), a empresa conta ainda com recursos captados numa oferta inicial de ações, realizada no ano passado na Bolsa de Londres.

Com sócios-fundadores como o indiano Vinod Khosla; Stephen Case, fundador da AOL; e James Wolfensohn, ex-presidente do Banco Mundial, a Brenco também afirma que seus dez projetos de usinas estão dentro do cronograma previsto.

O vice-presidente da Brenco, Rogério Manso, diz que a desaceleração no setor não atingiu a companhia, cujo foco é o mercado externo.

"Mantemos o mesmo ritmo. Sabemos de alguns projetos que recuaram. Há claramente uma desaceleração, uma acomodação. Esse movimento tem relação com a queda do preço. A entrada forte de novos investimentos nos EUA gerou uma superprodução, que derrubou os preços e fechou a janela de exportação para o Brasil."

Tal cenário, diz, afetou especialmente os grupos já instalados no país, que dependem do fluxo de caixa para investir em novos empreendimentos. Não é o caso da Brenco, afirma. A companhia pretende investir US\$ 2,3 bilhões em suas dez usinas. Segundo Marcelo Vieira, diretor da Adecoagro, os três projetos atuais da companhia estão mantidos, ainda que o setor tenha perdido fôlego. Mesmo que as exportações não decolem, afirma, o mercado interno crescerá com força na esteira do carro flex e sustentará um consumo crescente do álcool.

A Adecoagro tem como maior acionista o megainvestidor George Soros. A empresa investirá US\$ 3,3 bilhões no país. Como uma das fontes de financiamento, conta com empréstimo de R\$ 150 milhões do BNDES.

Petrobrás - Outra estreante no mercado é a Petrobras. Associada à japonesa Mitsui, busca parcerias com usinas para suprir o mercado japonês -que não decolou ainda, pois não há decisão sobre a mistura do produto à gasolina.

O diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, declara que a companhia está pronta para fechar os três primeiros contratos com usinas, das quais terá participação de 20% ao lado da Mitsui. Faltam apenas, diz, o governo japonês definir a adição do álcool. "Não posso fechar negócio sem ter para quem vender o produto", afirma Costa.

Usina prevê fusões e avanço estrangeiro – Elvira Lobato e Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/1/2008

Grandes projetos sustentam aquecimento da demanda por máquinas e equipamentos agrícolas, segundo fabricantes - Entrada de múltiplos faz com que safra se mantenha e aumenta tendência de concentração, com a venda de unidades sem capital

DA SUCURSAL DO RIO - O usineiro Eduardo Farias, do Grupo Farias (um dos dez maiores produtores de álcool do país, com dez usinas em cinco Estados), prevê que o

setor passará por um processo de compra e fusão de empresas, em que os mais capitalizados engolirão os menores, e avisa: ""sou comprador".

As expectativas do setor são as de que as fusões resultarão em maior concentração da produção em menos empresas e de aumento da participação estrangeira. Estudo interno do BNDES confirma a tendência de fusões.

"Os investidores estrangeiros não dependem da atividade do setor para captar dinheiro e devem ocupar mais espaços comprando empresas menores", afirma Josias Messias, presidente da publicação especializada "Jornal Cana", de Ribeirão Preto (SP). O presidente do sindicato dos fabricantes do Açúcar (Sindaçucar) e do álcool (Siamig) de Minas Gerais, Luiz Custódio Cotta Martins, diz que 7,5% da cana produzida no país é processada por multinacionais e que no Estado de Minas a proporção é de 14%, em razão da presença de grandes investidores, como Soros e Infinity, e de grupos como Cargill, Bunge e Dreyffus.

""Vamos enfrentar uma dificuldade conjuntural por dois anos. Quando só existiam empresas nacionais no setor, se havia crise, o pessoal parava de plantar, e, na safra seguinte, a produção caía e os preços voltam a subir. Com as múltis, isso não acontece. Elas não param. Não haverá diminuição. A tendência é só de aumento. As usinas que não tiverem capital para resistir, serão absorvidas pelas outras", afirma Martins.

Não há consenso sobre o número exato de projetos em fase de implantação. Os números variam entre 90 e 110. Segundo a Unica, está prevista a entrada em operação de 29 usinas durante o ano de 2008, das quais 13 estão localizadas no Estado de São Paulo. Segundo estatísticas do Ministério de Minas e Energia, há no país 367 usinas em funcionamento, das quais 16 produzem apenas açúcar, 78 produzem somente álcool e o restante tem produção mista.

O Centro-Sul concentra 78% do total de unidades instaladas e responde por 91% do álcool produzido.

Equipamentos - A desaceleração de projetos de implantação de usinas, segundo as empresas, não diminuiu o nível de ocupação industrial dos fabricantes de equipamentos, em razão das encomendas de usinas completas de grandes investidores e, ainda, da demanda por caldeiras para a produção de bioenergia a partir do bagaço da cana.

A Sermatec Indústria e Montagens, de Sertãozinho (SP), afirma que está com 100% de sua capacidade ocupada até 2009 e que os projetos em fase final de contratação asseguram a ocupação plena até 2010.

""Os grandes grupos nacionais e estrangeiros, que planejam a longo prazo, não interromperam nem adiaram projetos. Isso também nos deu possibilidade de planejar a médio prazo, o que nunca havia acontecido no Brasil. Antigamente, ninguém falava em três anos de pedidos em carteira no nosso setor", disse Marcelo Tapanelli, superintendente da Sermatec.

Ele diz que a empresa planeja construir uma "fábrica de usinas" nas regiões de expansão do álcool (Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais) e que acredita que o problema conjuntural da produção será superado. Segundo ele, a desaceleração de investimentos começou em meados de 2007 e é percebida na fase de consulta, que antecede as encomendas.

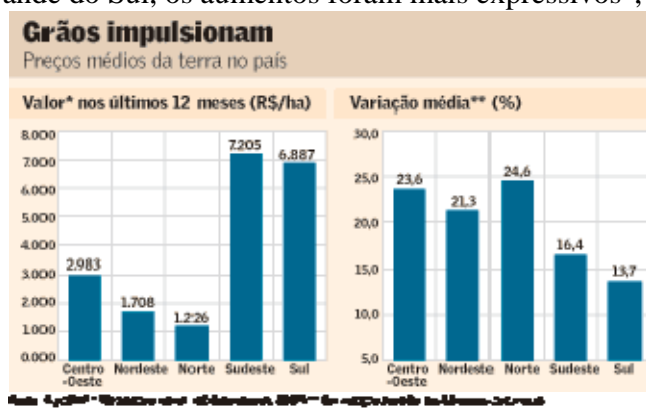
Executivos dizem que é difícil quantificar a desaceleração, porque ela se dá entre empresas nacionais já atuantes no setor, que fazem seus próprios projetos e fracionam a compra dos equipamentos entre vários fabricantes. Ao contrário dos novos investidores, que encomendam o projeto completo. **(ELVIRA LOBATO E PEDRO SOARES)**

Preços de terras para grãos voltam a subir - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 17/01/2008

Os preços das terras para plantio de grãos voltaram a subir no país, impulsionados pela recuperação das cotações das commodities no mercado internacional. Na contramão, as terras destinadas à cana-de-açúcar registram estagnação e até mesmo queda em algumas regiões de São Paulo e Triângulo Mineiro, de acordo com levantamento da AgraFNP.

O relatório da consultoria ressalta que o movimento de recuperação dos preços de terras teve início no segundo semestre de 2006 e se intensificou durante todo o ano passado. O último levantamento, realizado entre novembro e dezembro de 2007, mostra valorização média no país de 17,83% em relação aos últimos 12 meses. No Brasil, as cotações médias passaram de R\$ 3.276 por hectare para R\$ 3.860.

Segundo Jacqueline Bierhals, analista de commodities e terras da consultoria, a recuperação dos grãos e a maior produção agrícola ajudaram a valorizar os preços das terras. "Houve uma recuperação geral no país por conta dos grãos. No Sul do Brasil, em regiões tradicionais agrícolas, como o norte do Paraná, algumas áreas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os aumentos foram mais expressivos", disse.



A valorização de terras destinadas ao cultivo de grãos começa a se consolidar, uma vez que boa parte dessas propriedades são indexadas em sacas de soja. Outro fator de sustentação para os preços é a entrada de fundos de investimento no mercado de terras. Esses grupos, sobretudo os estrangeiros, procuram investir em regiões de fronteira, que ainda têm potencial de valorização. Eles compram terras a preços baixos com a intenção de

negociá-las na alta. Segundo a AgraFNP, as regiões mais procuradas por esses fundos são o Mato Grosso, oeste baiano e a área conhecida como Mapito (Maranhão, Piauí e Tocantins).

Com forte procura nos últimos anos, por conta dos novos projetos de usinas de álcool no país, as cotações de terras para cana começam a perder força, por conta dos baixos preços pagos aos produtores. O excesso de oferta de matéria-prima no mercado interno também pressiona as cotações. O relatório da AgraFNP lembra que muitos projetos novos foram adiados, reduzindo a procura por propriedades. "Acredito que seja uma situação temporária, no caso da cana. As terras podem voltar a se valorizar no médio e longo prazos", disse Jacqueline.

Para as culturas perenes, como laranja e café, as terras também estão mais valorizadas por conta dos preços no mercado internacional. Segundo Jacqueline, os preços só não estão ainda melhores por conta da desvalorização do dólar.

Álcool de mandioca – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 25/01/2008

Representantes de várias instituições de pesquisa chinesas vão se reunir com a Embrapa hoje para definir cooperação técnica para pesquisar a produção de álcool a partir da mandioca. Mutações naturais de mandioca rica em glicose foram descobertas em 1996. Uma de suas possibilidades é a produção de álcool.

Mercado 'vira' e usina cogita adiar moagem de cana nova - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 28/01/2008

É inusitado para esta época do ano, mas duas usinas de açúcar e álcool do centro-sul do país ainda moem cana produzida na safra 2007/08, cuja colheita terminou em dezembro. Com excesso de matéria-prima em plena entressafra, tanto a Dail, de Ibaiti (PR), quanto a Campestre, de Penápolis (SP), continuam com as máquinas ligadas, e o trabalho segue firme.

No mercado, porém, toda esta atividade "fora de hora" é motivo de preocupação. No calendário do segmento, o início da nova safra de cana da região, a 2008/09, está agendado para começar em abril, e o fato de existir oferta "velha", e de ela ainda ser crescente, pode significar problemas mais adiante.

Nesse contexto, as usinas que mantêm bons estoques de açúcar e álcool - e elas não são tão poucas assim - cogitam adiar o início da moagem de cana nova. Afinal, se está difícil desovar esses estoques, o que fazer com produto novo? O fato é que o mercado não está uma maravilha. A oferta cresceu, o preço do álcool recuou e o mercado de açúcar se recupera mais lentamente do que gostariam os usineiros.

Mesmo alguns novos projetos de usinas que deveriam entrar em operação neste ano devem ficar para depois. Fontes do segmento dizem que isso pode acontecer mesmo com empreendimentos em estágio já avançado, com infra-estrutura agrícola e industrial pronta.

Até o fim de 2007, a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) indicava que 31 novas unidades entrariam em operação em 2008. De fato, 29 devem cumprir o cronograma. Ninguém fala abertamente sobre os prováveis adiamentos, mas eles refletem uma realidade de preços diferente daquela de um ano atrás, quando o etanol ganhou as manchetes como principal biocombustível alternativo ao petróleo.

"Se pudéssemos, esperaríamos mais um pouco", diz Newton Salim Soares, diretor-superintendente da Equipav, que toca um projeto que deverá dar a partida em junho. A empresa tem mais dois no forno - um para 2010, em Chapadão do Sul (MS), e o outra para 2011, em Chapadão do Céu (GO) -, mas, dependendo das condições do mercado, esta última será postergada.

Maior companhia sucroalcooleira do país, a Cosan, com 17 usinas, garante que não vai adiar o início da moagem da nova safra. Mas, segundo seu vice-presidente, Pedro Mizutani, algumas usinas correm o risco de deixar cana em pé caso chova no final da moagem. No total, a Cosan deverá processar 42 milhões de toneladas de cana, 7% a mais que na safra anterior.

Quaisquer adiamentos chamarão mais a atenção neste ano devido às antecipações promovidas nas últimas temporadas. A estratégia ganhou força a partir de 2003, por causa das disparadas dos preços do álcool em entressafras de magros estoques, e teve o apoio do governo. Daí o mês "oficial" de reinício dos trabalhos hoje ser abril, não mais maio.

"Há 15 anos, a safra na região [centro-sul] começava em julho. Começou a ser antecipada por conta das variedades de cana mais precoces", lembra Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da Unica.

Com os atuais bons estoques, os preços do álcool não param de cair mesmo na entressafra e com um consumo doméstico mensal recorde (cerca de 1,5 bilhão de litros). E já há quem tema o futuro das exportações, já que o volume disponível para embarques no centro-sul tende a subir de 2,8 bilhões (em 2007/08) para 3,1 bilhões de litros.

Álcool segue em trajetória descendente em São Paulo – Valor Econômico – Agronegócios – 28/01/2008

Se depender dos preços do álcool, as usinas do centro-sul podem perfeitamente adiar o início da moagem de cana da próxima safra. Segundo levantamento periódico realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), houve novas quedas para o anidro e para o hidratado na semana encerrada em 21 de janeiro no mercado paulista.

No caso do anidro (misturado à gasolina), o litro vendido pelas usinas às distribuidoras de combustíveis (sem impostos) caiu para R\$ 0,76994, em média, queda de 1,82% em relação à semana anterior. Para o hidratado (usado direto nos tanques dos veículos), a queda na mesma comparação entre os preços médios semanais foi de 2,11%, para R\$ 0,68025.

Os preços do açúcar, entretanto, continuam em recuperação, seguindo a tendência internacional. Enquanto na bolsa de Nova York os contratos futuros com vencimento em maio subiram 46 pontos e fecharam a 12,34 centavos de libra-peso na sexta-feira, no mercado interno o indicador Cepea/Esalq para a saca de 50 quilos registrou alta de 0,23% no dia e atingiu R\$ 25,75. Em janeiro, a valorização acumulada do indicador já alcança 7,83%.

Consumo de álcool cresce e sobra mais gasolina para exportação - Mônica Scaramuzzo
- Valor Econômico – Brasil - 31/01/2008

O Brasil deve voltar a consumir mais álcool combustível do que gasolina a partir de 2012. O avanço do álcool nas bombas reflete as vendas expressivas de carros "flex" no país e a melhor relação de preços do combustível sobre a gasolina. A expectativa é que a gasolina excedente seja exportada. Para isso, a Petrobras já investe pesado na melhoria da qualidade desse combustível.

O consumo de álcool representa atualmente 43% do total do combustível usado pela frota de veículos do país, diz Plínio Nastari, presidente da consultoria sucroalcooleira Datagro. Para 2012, a estimativa é que ultrapasse 50%. "Em 1988, durante o programa Proálcool, o consumo de álcool chegou a 57% do total", afirma Nastari.

Para a Petrobras, o aumento do consumo do álcool combustível é totalmente factível, uma vez que as vendas de carros "flex fuel" cresceram entre 40% e 50% nos últimos três anos. "Mas a expansão do consumo do álcool vai depender dos preços [na paridade com a gasolina] e também da demanda por etanol no mercado externo", afirma fonte da estatal.

Com o avanço do consumo de álcool, a estatal projeta aumento das exportações de gasolina, segundo a mesma fonte. A companhia exporta de 250 milhões a 300 milhões de litros de gasolina por mês para países da América do Sul, América Central e África. Mas a Petrobras está de olho nos mercados dos países desenvolvidos. "A Petrobras está investindo para melhorar a qualidade da gasolina. Com isso, poderá exportar para outros mercados e a preços mais atraentes", afirma a fonte.

A estatal investe em unidades de hidrodessulfurização, que permitem reduzir o teor de enxofre da gasolina. O objetivo é passar das atuais mil partículas por milhão (PPM) para 50 PPM nos próximos dois anos. Esses aportes estão estimados em cerca de US\$ 3 bilhões. "Com uma gasolina de melhor qualidade, o Brasil pode conseguir preços até 30% maiores com o produto exportado", afirma a fonte.

Segundo Nastari, os Estados Unidos são clientes em potencial, porque têm déficit de capacidade de refino de gasolina de alta qualidade. "Não que eles não tenham recursos para investir no refino. Os americanos têm dificuldade para liberar licenças ambientais para tocar esses investimentos", disse.

O cenário atual de preços favorece o mercado de álcool. Atualmente, as cotações do litro do álcool na maioria dos Estados do país estão abaixo de 70% do litro da gasolina nas bombas. Essa relação é levada em consideração para avaliar se vale a pena abastecer com álcool ou gasolina. Abaixo de 70% do litro da gasolina, o álcool sai em vantagem. A expectativa é que os preços do álcool continuem atraentes para os consumidores nos próximos anos, uma vez que a oferta do produto deve continuar crescendo por conta dos novos projetos de usinas no país.

No ano passado, mais de 50% dos proprietários de carros "flex" optaram pelo uso do álcool, afirma Antonio de Padua Rodrigues, diretor da União da Indústria Canavieira (Unica). A frota de veículos "flex fuel" no país soma cerca de 4,5 milhões de veículos de um total de 21 milhões em circulação.

Antes concentrado no Estado de São Paulo, o consumo de álcool combustível está ultrapassando as fronteiras do Estado, maior produtor de álcool e consumidor de carros que podem utilizar os dois combustíveis. "As vendas de carros 'flex' não se concentraram apenas em São Paulo. As vendas aumentaram expressivamente em outros Estados sem tradição na produção de álcool", diz Padua.

Dados da Datagro consideram que o avanço do álcool combustível no mercado interno contribui indiretamente para os resultados da balança comercial. A receita com exportações de açúcar e álcool chegou a R\$ 6,57 bilhões em 2007, queda de 15,4% sobre o ano anterior, de US\$ 7,77 bilhões. O resultado reflete os menores preços da commodity no mercado internacional. Em volume, os embarques de açúcar somaram 19,36 milhões de toneladas em 2007, 2,6% acima de 2006. Os de álcool subiram 2,3%, para 3,51 bilhões de litros. A participação do setor sucroalcooleiro na balança comercial seria maior, se fosse considerado o total da gasolina substituída pelo álcool no mercado interno. "Será que o país seria auto-suficiente em gasolina, se não utilizasse álcool?", questiona Nastari.

Segundo a Datagro, o álcool combustível substitui volumes expressivos de gasolina automotiva. "Se o Brasil não consumisse álcool, não seria auto-suficiente em gasolina", disse Nastari. A consultoria calcula que o volume de gasolina substituída pelo álcool foi de 10,54 bilhões de litros, em 2006, e de 13,18 bilhões de litros em 2007, o que representa uma economia de US\$ 6,94 bilhões.

BNDES financia usina – Valor Econômico – Agronegócio – Curtas – 31/01/2008

O BNDES aprovou financiamento de R\$ 1,97 milhão para a usina Vale do Ivaí, de São Pedro do Ivaí (PR). Os recursos serão destinados à construção do centro de referência em tecnologias para o setor sucroalcooleiro. Esta linha de financiamento foi criada em 2005 e o banco já desembolsou R\$ 117 milhões para projetos de inovação. No caso da usina Vale do Ivaí, a participação do banco equivale a 79% do investimento total do projeto, orçado em R\$ 2,48 milhões.

POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Biodiesel e agricultura familiar - Antônio Márcio Buainain – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 29/01/2008

Viajando pelo Nordeste é fácil perceber as esperanças que agricultores familiares e autoridades estão depositando no Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), que apresenta forte enfoque social ao propor a participação prioritária da agricultura familiar (AF) no programa. É igualmente fácil identificar, em conversas com técnicos qualificados, as dificuldades para transformar o “biodiesel familiar” em realidade. A AF encontra-se dispersa no vasto semi-árido; em 1996, a área média do estabelecimento familiar no Nordeste era de 3,9 hectares (ha), 70% minifúndios, onde não raramente vive mais de uma família. O nível tecnológico é baixo e a AF ainda concentra uma elevada proporção de adultos analfabetos e da pobreza rural.

A produção da matéria-prima é fortemente sensível à escala e as alternativas que vêm sendo consideradas, da mamona ao pinhão-manso, quando e se vierem a ser

competitivas e viáveis, exigirão manejo tecnológico e capacidade de gestão para os quais os agricultores familiares precisarão ser preparados. As dificuldades logísticas para recolher pequenas quantidades de matéria-prima em estabelecimentos atomizados são agravadas pela deficiência da rede de estradas vicinais e pela debilidade da organização para produzir e comercializar. Os assentamentos concentram um número significativo de famílias e poderiam servir de base para a inserção da AF no PNPB; infelizmente, muitos são vítimas das deficiências e contradições da própria reforma agrária: má seleção e pulverização das terras e mobilização para o conflito como estratégia de ganhos imediatos de bem-estar, em detrimento da organização para a produção e de políticas públicas voltadas para o fortalecimento econômico da AF.

Em sua dissertação de mestrado (O PNPB e a Agricultura Familiar na Região Nordeste, Instituto de Economia da Unicamp, 12/2007), Junior Ruiz Garcia revela números preocupantes e levanta dúvidas sobre a efetividade do arranjo institucional e dos instrumentos do PNPB - criação de mercado compulsório, isenção fiscal de tributos federais, padronização do ICMS, subsídios financeiros e criação do Selo Combustível Social - para viabilizar a faceta social do programa. Segundo Garcia, o PNPB “está conseguindo promover a instalação da cadeia produtiva (...), mas não está conseguindo mitigar a concentração industrial e regional”. Chama atenção o descompasso entre a capacidade instalada de produção de biodiesel e a produção efetiva em 2006 e 2007; a concentração de capacidade de produção nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste; e a tendência à instalação de grandes plantas industriais, que dificultariam a articulação com a AF. A estrutura agrícola não parece preparada para atender à demanda da indústria, “principalmente em termos regionais e no âmbito da agricultura familiar”.

A utilização da mamona, principal alternativa imediata para a AF do Nordeste, enfrenta dois problemas: custo de produção elevado e a baixa produção dos últimos anos. Para viabilizar parte do biodiesel vendido em 2007 seriam necessárias 431 mil toneladas de mamona. No entanto, a produção de mamona em 2006 não passou de 95 mil toneladas, em 151 mil ha, com produtividade média de 628 kg/ha. Nesse nível, para atender parte da produção de biodiesel negociada nos leilões em 2007 seriam necessários 686 mil ha de mamona. Analisando as últimas safras, o autor conclui que “o PNPB não conseguiu incrementar a produção de mamona no Nordeste”, o que poderia indicar que o selo social estaria sendo usado para facilitar os investimentos industriais sem beneficiar diretamente a AF. Garcia aponta outras dificuldades, entre as quais a baixa produtividade e o baixo preço oferecido pela mamona e girassol, cultivos acessíveis à parte dos agricultores familiares do Nordeste. Ainda assim o custo de produção estimado parece incompatível com o preço de venda do biodiesel nos leilões, e uma baixa rentabilidade das empresas dificultaria ainda mais a absorção dos agricultores familiares.

Tudo indica que os instrumentos mobilizados pelo PNPB não têm força para modificar esse quadro, que exigiria intervenções de longo prazo coordenadas, consistentes e sustentáveis, que vão bem além de discursos e pequenos incentivos fiscais e financeiros. O temor é que se repita a história do álcool, hoje um sucesso que poderia ser ainda maior se tivesse em sua origem cuidado da inclusão social. Como hoje, à época não faltaram discursos, promessas e experiências pilotos. Vingou mesmo o que se mostrou eficiente. É bom lembrar que eficiência se constrói, com trabalho e políticas sérias, e não apenas com

boas intenções. ***Antônio Márcio Buainain é professor assistente doutor do Instituto de Economia da Unicamp. E-mail: buainain@eco.unicamp.br**

O girassol e o biodiesel – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 23/01/2008

Com apenas 100 mil hectares plantados no Brasil, o girassol poderá ganhar impulso com o avanço do programa brasileiro de biodiesel. Técnicos da Embrapa defendem a utilização da matéria-prima pelo seu elevado teor de óleo e por sua adaptabilidade em diferentes regiões do país.

Etanol

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PETRÓLEO X BIOCOMBUSTÍVEIS - Fábio de Salles Meirelles - Sitio Eletrônico da CNA – 22/01/2008

Recentemente, as mídias nacional e internacional deram grande destaque ao anúncio, feito pela Petrobras, da descoberta de uma imensa reserva de petróleo no litoral brasileiro. Se confirmadas as expectativas, em poucos anos, o Brasil estará entre os dez maiores produtores de petróleo do mundo.

A notícia, sem dúvida, merece ser comemorada. Essa nova reserva de petróleo seguramente representará um considerável reforço à economia nacional. Porém, a receita fácil originária da exportação do petróleo pode se tornar uma armadilha para o verdadeiro desenvolvimento e devemos saber evitá-la.

O Brasil é um País que pelo esforço de seus empreendedores desenvolveu uma agricultura considerada das mais competitivas do mundo. Hoje, caminhamos firmemente no sentido de nos tornarmos uma referência na produção de energia renovável com base nos biocombustíveis, segmento dinâmico no qual o Brasil dispõe de tecnologia de ponta e de todas as condições para assumir a liderança mundial. São conquistas importantes, das quais não podemos abrir mão. Causa-nos certa apreensão a possibilidade de que o Brasil, a partir da abundância de petróleo, deixe de caminhar no sentido do verdadeiro desenvolvimento sustentável representado, principalmente, pelo desenvolvimento dos biocombustíveis e da produção de grãos.

Além do álcool, um combustível já consolidado, a agricultura energética está sendo impulsionada também pelo biodiesel, que representa um novo mercado para os óleos vegetais, pois pode ser produzido a partir de uma grande variedade de espécies, em diferentes regiões do Brasil. Essa característica impulsionará o desenvolvimento sócio-econômico em todo o território brasileiro, gerando emprego, renda e integração regional.

É importante mencionar a capacidade de geração de emprego e renda dos biocombustíveis, pois eles representam novas atividades que se somarão à matriz produtiva brasileira. A cana-de-açúcar é um exemplo. Na área rural, essa cultura responde pela manutenção de aproximadamente 1,5 milhão de empregos, sem contar os postos de trabalho criados na indústria de insumos, processamento, transporte, distribuição e comércio. Comparativamente, a produção de etanol de cana gera um número de empregos por unidade de energia produzida cerca de 100 vezes maior que a indústria do petróleo.

Na visão dos produtores rurais, os biocombustíveis fazem parte de um negócio que vai além do suprimento interno de combustível, pois ultrapassa as fronteiras do Brasil, podendo servir como plataforma de comercialização de tecnologia, geração de divisas e, porque não, consolidação estratégica e inserção geo-política do Brasil. Nesse contexto, é preciso mencionar a oportunidade criada pelo Protocolo de Kyoto que determina a redução de emissão de gases causadores do efeito estufa. Um dos mecanismos é estimular os países que reduzirem suas emissões, por meio da comercialização das cotas de carbono a outras nações que não se enquadraram ao Protocolo.

Nossa posição de defensores da livre iniciativa, do empreendedorismo e do desenvolvimento sustentável, nos coloca na obrigação de emitir esse alerta. O petróleo, agora descoberto, deve contribuir verdadeiramente para o crescimento do País, mas sem colocar em segundo plano o desenvolvimento dos biocombustíveis, que hoje representam uma contribuição para a produção de grãos e a fonte do verdadeiro desenvolvimento sustentável do Brasil.

**Fábio de Salles Meirelles é produtor rural e presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).*

Rodrigues cobra mais ação do governo para o mercado de álcool – Entrevista com Roberto Rodrigues – Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008

Ex-ministro da Agricultura diz que não há estratégia do país e que faltam fornecedores para criar mercado externo - Ex-titular da pasta afirma que 11 ministérios cuidam do tema, mas que ausência de diálogo prejudica meta de crescimento do mercado

O ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues diz que falta planejamento do governo para a produção de álcool. Segundo ele, os 11 ministérios envolvidos com o assunto não se comunicam. Ele defende a criação da Secretaria Nacional de Agroenergia para unir esforços.

Rodrigues é co-presidente da Comissão Interamericana do Etanol ao lado do ex-governador da Flórida Jeb Bush e do presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Luis Alberto Moreno. ★

FOLHA - Por que não se conseguiu criar mercado para a exportação do álcool?

ROBERTO RODRIGUES - Para que um produto se torne uma commodity é preciso haver diferentes fornecedores. A troca de que outros países substituiriam a dependência de petróleo da Arábia Saudita pela dependência de álcool do Brasil? Há uma paúra lá fora em relação à dependência de um fornecedor. O primeiro passo, portanto, é existirem vários fornecedores.

FOLHA - O que está sendo feito para isso?

RODRIGUES - A Comissão Interamericana do Etanol foi criada para estimular outros países, pelo menos na América Latina. Já há projetos em andamento na República Dominicana, Haiti e El Salvador.

FOLHA - *E quais são os outros entraves para a exportação?*

RODRIGUES - A falta de legislação nos países consumidores que obrigue a mistura do álcool à gasolina. Se não houver uma imposição legal, a indústria do petróleo não vai permitir a criação do mercado internacional para o álcool. Esse movimento está começando a acontecer. Os norte-americanos estão com esta temática em discussão.

FOLHA - *Só que os Estados Unidos querem garantir o consumo do etanol produzido por eles, a partir do milho, não?*

RODRIGUES - Eles querem garantir o álcool produzido por eles, não necessariamente a partir do milho. Estão fazendo um investimento rigoroso no etanol de celulose, que vai levar uma ou duas décadas para ser competitivo. Mas estão investindo tanto em pesquisa que dará certo, mais cedo ou mais tarde. Além da produção própria, os Estados Unidos terão de importar álcool e é por isso que, no acordo entre Bush e Lula, surgiu o programa para investimento na América Central e Caribe. O terceiro ponto é o estabelecimento, por parte do Brasil, de uma estratégia para o álcool, que ele ainda não tem. Se você perguntar a qualquer empresário privado do setor quanto álcool o Brasil quer produzir, ninguém terá a resposta.

FOLHA - *Não há planejamento para o crescimento da produção?*

RODRIGUES - Não há. E isso é tão grave que o crescimento de 7% na produção de cana em 2007 derrubou os preços em 30%. Isso mostra como não há planejamento estratégico nesse processo. Ninguém definiu quanto álcool devemos produzir, como vai ser o financiamento da expansão da produção.

FOLHA - *O governo está sendo omissivo?*

RODRIGUES - Há 11 ministérios cuidando desse assunto, em Brasília, e todos com gente muito séria, bem intencionada e competente, mas não conversam entre si. Por isso, não temos estratégia. Os EUA estão gastando US\$ 2 bilhões de tecnologia e pesquisa, nós investimentos menos de 10% disso. Como manteremos a liderança tecnológica de um processo, se não temos dinheiro para tecnologia? Quem vai cuidar da alcooquímica?

FOLHA - *E o que o senhor sugere?*

RODRIGUES - A criação de uma Secretaria Nacional de Agroenergia, que congregue os esforços que estão dispersos por dezenas de organismos públicos federais, estaduais e municipais. Temos centenas de pessoas trabalhando no assunto, sem coordenação. É importante vendermos etanol para o exterior, mas mais importante é exportar know-how. Temos que vender usinas de álcool, carros flex e inteligência.

Governo diz que não há necessidade de intervenção mais firme no setor – Elvira Lobato e Pedro Soares - Folha de São Paulo – Dinheiro – 20/01/2008

DA SUCURSAL DO RIO - O Ministério de Minas e Energia não vê a necessidade de uma intervenção mais firme do governo no setor de álcool com o objetivo de coordenar ações, como defendem empresários e especialistas. Para o ministério, não é função do Estado orientar os investimentos, papel que deve ser exclusivamente da iniciativa privada. "Não é preciso uma intervenção maior para assegurar a execução do que foi planejado. O mercado é livre. Não cabe ao governo impedir um projeto empresarial privado. Só impedimos por questões ambientais. Seria um retrocesso determinar ao empresariado o que fazer, como fazer e quando fazer", diz Ricardo Dornelles, diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis.

O técnico afirma que o governo traça apenas "metas indicativas", como a expectativa de crescimento da economia e da demanda, apontando qual será a expansão necessária do setor. O ministério não determina qual ação deve ser feita, diz. Dornelles diz que não faltou planejamento do governo para a expansão da produção de álcool. Sob Lula, diz, "retomou-se o planejamento energético como um todo: petróleo, gás e biocombustíveis". Antes, estava restrito à geração de energia.

Para o diretor, a queda dos preços do álcool no Brasil e a dificuldade em exportar no ano passado refletem o excesso de produção nos EUA, que "jogou os preços para baixo". O cenário, prevê, é passageiro. Na visão dele, não se configurou no ano passado um otimismo irreal no setor quanto às exportações. "Houve excesso de declarações, não de otimismo. Quem está no setor conhece as [dificuldades das] relações internacionais."

Projeções - Pelos cálculos do ministério, a produção de álcool chegará a 24 bilhões de litros em 2010 -ficou em 18 bilhões no ano passado. Só a expansão do consumo interno, diz Dornelles, demandará todo esse volume.

"O carro flex já representa 19% da frota. É fato que o mercado interno absorverá as eventuais dificuldades de abertura de novos mercados [para exportação]", afirma. Para Paulo Faveret, gerente do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, há no setor "uma grande incerteza" em relação à abertura dos mercados norte-americano e europeu. "São decisões [a queda dos subsídios] altamente politizadas", diz. **(EL e PS)**

MMA discute energia renovável na Alemanha – Sítio Eletrônico do MMA - 18/01/2008

Gisele Teixeira

O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) convidou uma série de cientistas e especialistas internacionais para elaborar um relatório especial sobre fontes renováveis de energia. Entre os brasileiros está a Secretária de Mudanças Climáticas e Qualidade Ambiental do MMA, Thelma Krug. A primeira reunião do grupo será realizada de 21 a 25 de janeiro, em Lübeck, Alemanha.

Serão discutidos itens técnicos, sócio-econômicos e ambientais de fontes como biomassa, energia solar, geotérmica, hidrelétrica e eólica, entre outras, bem como segurança e fontes de financiamento para a adoção dessas tecnologias. Também serão abordados a capacidade de construção, transferência de conhecimentos e adaptação, utilização regional e barreiras de difusão.

O Brasil terá participação especial na reunião em função de seu conhecimento sobre o tema. Atualmente, metade (45,1%) da energia consumida no País é gerada por fontes renováveis, como biocombustíveis e energia hidrelétrica segundo informações Balanço Energético Nacional (BEN), documento do Ministério de Minas e Energia divulgado em 2007 (ano base 2006). Esse número coloca o Brasil em primeiro lugar entre os países que mais utilizam fontes renováveis em todo o mundo, as chamadas fontes limpas. Ainda de acordo com dados do BEN, a média mundial de utilização de energia renovável, em 2005, foi de apenas 12,7%, enquanto nos países da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômicos (OCDE), esta média foi ainda menor: 6,2%.

Fornecedor de cana do NE volta a pedir apoio - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios – 16/01/2008

Os fornecedores de cana do Nordeste vão se reunir no dia 23, em Brasília, para pedir ao governo medidas de apoio ao segmento, entre eles, o Pepro (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor). Segundo Renato Cunha, presidente do Sindicato das Indústrias de Açúcar e Alcool de Pernambuco (Sindaçúcar/PE), este programa, se autorizado, reduziria o impacto negativo do fim do programa de equalização da cana, que ajudava a região Nordeste e que foi extinto já há seis anos.

Depois de insistir na retomada do programa de equalização, que foi criado para suprir a diferença dos custos de produção do Nordeste com o centro-sul do país, o Sindaçúcar decidiu por um "plano B" para levantar recursos de apoio à atividade. "Se o Pepro for aprovado para cana, esses recursos poderiam ajudar os fornecedores a financiar os insumos para o plantio da nova safra", afirmou Cunha. O Pepro garante preços mínimos aos produtores e tem beneficiado sobretudo os cafeicultores. A região Nordeste conta com cerca de 20 mil fornecedores de cana.

Nesta safra 2007/08, que ainda está em andamento na região, a produção está estimada em 59 milhões de toneladas, um crescimento de 7,2% sobre o ciclo 2006/07. Até o dia 1º de janeiro, as usinas nordestinas processaram cerca de 39 milhões de toneladas de cana, segundo estimativas preliminares de Cunha.

A produção de açúcar no Nordeste deve ficar em 4,43 milhões de toneladas, um aumento de 5,4% sobre 2006/07. A oferta de álcool ficará em 1,92 bilhão de litros, alta de

7,8% em relação à safra passada. Assim como acontece no centro-sul, a safra da região está mais alcooleira.

O clima no Nordeste está favorável à colheita e as boas condições também beneficiam o próximo ciclo. No Nordeste, a colheita começa a partir de setembro e vai até abril. Alagoas e Pernambuco são os maiores produtores da região.

Ministério vai controlar oferta sucroalcooleira - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 30/01/2008

O Ministério da Agricultura vai passar a ter um controle mais eficiente, a partir de 1º de fevereiro, da produção de açúcar e álcool das usinas do país. Assim, acompanhará de perto os estoques do setor.

Conforme Alexandre Strapasson, diretor de cana e agroenergia do ministério, o governo desenvolveu um programa, denominado SapCana (Sistema de Acompanhamento da Produção Canavieira), para que as usinas coloquem a cada 15 dias o volume de moagem da cana, com o mix de produção para açúcar e álcool. Por meio desse sistema, o governo também coleta informações sobre o destino da produção sucroalcooleira.

Esse programa foi desenvolvido pelo Serpro (Serviço Federal de Processamento de Dados). "O ministério sempre fez esse acompanhamento, mas antes era bem rudimentar", disse Strapasson, explicando que esses dados eram passados por fax ou e-mail. Neste programa, cada usina tem uma senha e põe seus dados no sistema em tempo real.

De acordo com ele, o governo quer gerenciar melhor os dados de produção do setor, até mesmo para discutir futuros financiamentos para o segmento.

Esses dados também serão repassados para a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), que passou a ter desde o ano passado maior controle dos estoques de álcool das usinas. A medida é para evitar possíveis crises de desabastecimento no país. Strapasson lembra que desde o ano passado os estoques das usinas estão confortáveis. "Não há risco para o consumidor".

Lula pede apoio a bicomcombustível - Marli Olmos – Valor Econômico – Brasil - 31/01/2008

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez ontem à noite um pedido à direção mundial da montadora Toyota para "convencer outros empresários" japoneses a apoiar o projeto do bicomcombustível brasileiro no Japão. "O Estado de São Paulo está preparado para atender" a essa demanda, disse o presidente, durante discurso na festa de comemoração dos 50 anos de presença da montadora no Brasil.

Lula se queixou de que o Japão teria se afastado do Brasil durante um tempo em benefício de novos mercados e citou o centenário da imigração japonesa como uma oportunidade para que os países retomem a parceria.

Lula lembrou que a Toyota terá que fazer ainda muitos investimentos no Brasil se quiser atender ao crescimento de demanda por novos veículos no país que, segundo ele disse, acontece por causa da facilidade de crédito. A Toyota tem hoje apenas 3% do mercado brasileiro e está procurando uma nova área para construir nova fábrica no país. Muitos Estados têm sido visitados por executivos da empresa, , mas somente a governadora do do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius (PSDB), foi convidada para a festa, juntamente com José Serra, representando o Estado onde a Toyota já tem uma fábrica.

O convidado de honra da festa foi Shochiro Toyoda, chairman honorário e filho do fundador da montadora, que hoje disputa com a GM a liderança no mercado mundial de veículos.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

UE aposta em etanol para reduzir emissão de CO2 - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 23/01/2008

Europa anuncia hoje plano que custará mais de US\$ 86 bilhões por ano; projeto enfrenta resistência

A Europa anuncia hoje seu novo plano de corte de emissões de CO2 e que custará mais de US\$ 86 bilhões (cerca de R\$ 155 bilhões) por ano para ser colocado em prática. O projeto provoca forte resistência entre governos, empresas e ativistas. Nos bastidores, o lobby dos diferentes grupos se intensifica.

A principal preocupação das governos é a de que as novas limitações em emissões acabem afetando a competitividade da economia europeia nas próximas duas décadas. O plano inclui também um maior uso do etanol, o que desperta o interesse de exportadores brasileiros. No ano passado, os europeus chegaram a um acordo de reduzir em 20% de suas emissões de CO2 até 2020. A taxa já era menor do que a esperada pelos cientistas, mas Bruxelas alegou que não poderia adotar um corte mais profundo enquanto as demais economias também não se comprometessem com a redução.

Agora, a Comissão Europeia apresenta seu projeto de como quer que o corte ocorra até 2020. Um dos pilares da proposta é a adoção de uma meta para o uso de biocombustíveis. A UE quer que 10% dos carros até 2020 sejam movidos a etanol. Mas ativistas, o Parlamento britânico e até cientistas da comissão alertam que a meta pode ser um erro.

Na prática, países como o Reino Unido teriam de aumentar o uso do etanol em seis vezes para atingir a taxa pedida pela comissão. Para conseguir cumprir a meta, a UE admite que terá de importar cerca de 20% do etanol do Brasil e de outros países. E, para isso, anunciará hoje também a criação de um selo verde. 'Se o Brasil quiser exportar etanol terá de mostrar que o produto não foi resultado de devastação florestal', afirmou o porta-voz do Departamento de Energia da Comissão Europeia, Ferran Tarradellas.

COBRANÇA POR EMISSÃO - Outro pilar da estratégia será o de cobrar das indústrias pelas emissões. Cerca de 11 mil plantas industriais na Europa acabarão tendo de pagar ou reduzir de forma drástica suas emissões. Nesta semana, o setor privado alemão anunciou que a medida custará apenas à indústria do país cerca de 17 bilhões (perto de R\$ 46 bilhões).

O presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso, admitiu que indústrias pesadas poderão ter tratamento diferenciado. Sinal de que Bruxelas teria cedido ao lobby nos bastidores dos setores químicos e siderúrgico, entre outros. O que muitos governos alegam é que as novas medidas acabarão tendo efeito na capacidade de a Europa competir com outras economias que não contam com exigências ambientais, como os EUA. O presidente francês, Nicolas Sarkozy, quer que setores que sofram com a concorrência externa sejam autorizados a manter taxas mais elevadas de emissão de poluentes, proposta atacada por ambientalistas.

Outro princípio é de que os países mais ricos dentro do bloco de 27 nações terão de cortar mais emissões do que os mais pobres. Isso significará que escandinavos terão de promover os maiores cortes, enquanto as economias do Leste Europeu ficarão praticamente isentas. Suécia e Dinamarca são contra.

Se não bastassem as crises internas na UE, ontem Bruxelas abriu nova polêmica. Barroso defendeu que impostos de importação fossem cobrados de países que não aderissem a pactos de redução de emissão de CO₂, como EUA. O governo britânico e a Casa Branca reagiram, alertando que Bruxelas não deve usar mudança climática como justificativa para o protecionismo .

Usineiros se fixarão em Bruxelas - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 23/01/2008

Os usineiros brasileiros vão abrir um escritório em Bruxelas, capital da União Europeia, e prepararam uma campanha de marketing para promover o etanol do País como uma solução ecológica. A Unica (entidade da agroindústria canavieira) escolherá uma espécie de 'embaixador' para cuidar dos interesses dos exportadores de etanol ao mercado europeu.

O objetivo é conter a reação cada vez mais forte da opinião pública europeia e de autoridades que colocam em xeque os benefícios do etanol. Representantes da UE têm alertado sobre o uso dos biocombustíveis como alternativa ao petróleo.

Bruxelas vai apresentar a proposta de criação de um certificado ambiental para o etanol. O projeto, obtido pelo Estado, prevê o rastreamento das commodities antes de serem levadas às usinas para serem transformadas em etanol. O governo brasileiro já se reuniu com a Comissão Europeia para dizer que não aceitará uma política que discrimine o produto nacional.

Governo negocia com UE certificação do etanol - Jamil Chade – Estado de São Paulo – Vida & - 24/01/2008

O governo brasileiro quer negociar com a União Européia (UE) o reconhecimento do selo ambiental que o País vai criar para o etanol. Ontem, o bloco anunciou seu novo plano energético e de corte de emissões de CO2 até 2020, com metas para aumentar o consumo de biocombustível. Bruxelas, porém, sugere a criação de um certificado que mostre que o produto não foi resultado de devastação florestal.

O Estado apurou que o comissário de Energia da UE, Andris Piebalgs, viajará para o Brasil entre março e abril para debater o tema com o Ministério de Minas e Energia e visitar usinas. Deputados europeus também virão, numa estratégia do governo e de usineiros para desfazer a imagem de que o etanol causa danos ambientais.

Pela proposta européia, o uso do etanol será autorizado apenas se não provocar perda de biodiversidade (no cerrado, por exemplo), evitar o desmatamento e representar um corte de 35% nas emissões de CO2 em relação a outros combustíveis. Nesse critério, o etanol brasileiro está em situação confortável, mas o biocombustível de milho americano pode ser vetado.

Para atingir a meta de ter 10% dos carros movidos a etanol até 2020, a UE terá de importar um quinto do produto, principalmente do Brasil. O Itamaraty quer assegurar que a certificação nacional seja suficiente. O presidente Lula prometeu e o Inmetro já trabalha em um certificado que comprove que um produtor não desmatou florestas para produzir cana.

Representante da Opep ataca produção do etanol – Estado de São Paulo – economia e Negócios – 26/01/2008

Al-Attiyah, que também é ministro do Catar, diz que produto é altamente subsidiado

O uso do etanol como alternativa energética foi alvo de fortes críticas feitas ontem por um graduado representante da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep).

Abdulla Bin Hamad al-Attiyah, vice-primeiro-ministro do Catar, disse que a produção de etanol é fortemente subsidiada pelos governos. Ele citou uma reportagem publicada no ano passado pelo jornal Financial Times, que calculou que o barril de etanol custaria cerca de US\$ 130 sem o apoio oficial. Além disso, Al-Attiyah disse que a produção de etanol e outros biocombustíveis está provocando uma alta dos preços dos alimentos em todo o mundo, prejudicando as populações mais pobres. “O que é melhor: dirigir ou comer?”, ironizou Al-Attiyah durante uma entrevista coletiva à imprensa na qual foram apresentados os resultados da “Cúpula de Energia”, encontro paralelo ao Fórum Econômico Mundial que reuniu autoridades e analistas.

Ao tomar conhecimento da presença de jornalistas brasileiros, o representante da Opep tentou atenuar suas declarações. “Nós sempre defendemos a mistura de biocombustíveis como o etanol aos combustíveis tradicionais, e os subsídios mencionados pelo Financial Times referem-se à produção de etanol nos Estados Unidos e na Europa e não ao de cana-de-açúcar do Brasil de meu amigo presidente Lula”, afirmou Al-Attiyah, que também é o ministro de Energia do Catar.

“Mas está mais do que claro que o uso de terras para a produção de etanol está ajudando a encarecer os preços dos alimentos, estamos sentindo isso em nosso próprio país.”

Apesar dos esforços do governo brasileiro em pôr o etanol no topo da agenda global sobre combustíveis alternativos, a Cúpula de Energia o relegou a um segundo plano. Tanto que na entrevista à imprensa na qual foram apresentados os resultados do encontro, o seminário sobre biocombustíveis não tinha ainda sido realizado.

Um dos coordenadores da reunião, o executivo-chefe do grupo Shell, Jeroen van der Veer, disse que “houve algumas discussões sobre o uso de etanol” sem dar maiores detalhes.

Presidente quer etanol no Japão - Cleide Silva – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 31/01/2008

Ontem à noite, em evento de comemoração dos 50 anos da montadora Toyota no Brasil, o presidente Lula pediu a empresários japoneses apoio ao uso do etanol no Japão e novos investimentos no País, principalmente de fábricas de componentes para TV digital (o Brasil optou pelo padrão japonês).

Ele ressaltou que “é preciso dar seqüência às conversas que tivemos no Japão sobre trazer indústrias de componentes para podermos disputar esse mercado internacional, sobretudo na América Latina.”

Lula dirigiu seu pedido de apoio ao biocombustível, especialmente ao etanol, à direção da Toyota, representada pelo presidente honorário e filho do fundador, Shoichiro Toyoda, e pelo presidente da Toyota Mercosul, Shozo Hasebe.

O presidente brasileiro encerrou seu discurso com uma frase em japonês que não foi traduzida.

UE exige certificado para biocombustível – Márcia Bizzotto – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/01/2008

Europeus querem que produto importado obedeça a critérios ambientais; decisão afeta álcool do Brasil

MÁRCIA BIZZOTTO - COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, EM BRUXELAS

Em meio a argumentos cada vez mais numerosos contra sua decisão de promover o uso de biocombustíveis, a União Européia acredita ter encontrado a fórmula para tranquilizar a opinião pública sem precisar rever a meta de participação que estabeleceu para esses combustíveis.

A Comissão Européia (CE), seu braço executivo, programou para hoje o anúncio da criação de um processo de certificação para garantir que todo o biocombustível exportado para a Europa seja produzido de acordo com determinados critérios ambientais.

A medida faz parte de um amplo e polêmico pacote que traça o caminho a ser seguido pelos 27 países da UE para que o bloco consiga cumprir o compromisso de reduzir em 20% suas emissões de CO₂ (gás carbônico) e aumentar também em 20% a participação das energias renováveis em sua matriz energética -ambos até 2020 e em relação aos patamares de 1990.

Dentro dessa política contra a mudança climática, a UE determinou que os combustíveis de fonte vegetal representem 10% de todo o combustível consumido pelo setor de transportes europeu em 2020.

"Trataremos de atingir essa meta de forma que não cause danos às economias mais pobres e ao ambiente. Ou, pelo menos, de forma que cause menos danos do que causaríamos utilizando combustíveis fósseis", afirma o porta-voz europeu de Energia, Ferran Tarradellas.

De acordo com a versão mais recente do documento que será apresentado, à qual a Folha teve acesso, os biocombustíveis exportados para os europeus terão de respeitar três requisitos básicos.

Não poderão ser feitos com matérias-primas provenientes de áreas que, até janeiro de 2008, tinham até 30% de sua superfície coberta por árvores de mais de cinco metros de altura. Também estarão vetadas as áreas de proteção ambiental "com grande concentração de biodiversidade", um conceito amplo que, dependendo de como for definido posteriormente, poderá ser usado contra os produtores brasileiros.

Por outro lado, o Brasil pode ser favorecido pelo terceiro requisito: os produtos exportados à UE terão que proporcionar um percentual mínimo de redução nas emissões de gases de efeito estufa.

Estudos realizados pela CE e pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) indicam que o álcool brasileiro é o biocombustível com maior capacidade de redução de emissões. Um carro movido com esse combustível, obtido a partir das plantações de cana-de-açúcar, chega a emitir 90% a menos de gases de efeito estufa.

Já o álcool norte-americano, maior concorrente do brasileiro no mercado exterior, é capaz de reduzir emissões em no máximo 13%, segundo os mesmos estudos. Os Estados Unidos produzem álcool sobretudo a partir da cultura do milho.

Problema - Segundo a **Folha** apurou com fonte próxima ao Executivo europeu, o problema é que a CE deve estabelecer um percentual bastante baixo, entre 10% e 20%, para não excluir seus próprios biocombustíveis (que, segundo a OCDE, proporcionam uma redução de cerca de 40%).

Antes de ser implementada, a certificação deverá ser aprovada pelo Parlamento Europeu, que poderá propor emendas para incluir exigências sociais, e pelos governos dos Estados-membros.

Fontes comunitárias estimam que as negociações durarão dois anos. Apesar de sua certificação servir como resposta às críticas ambientais, Bruxelas ainda terá de enfrentar um argumento de peso para a opinião pública. Seus próprios cálculos estimam que a nova política energética europeia custará aproximadamente 65 bilhões ao bolso dos cidadãos.

Exigência da UE vai prejudicar venda de álcool, diz analista – Gitanio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/01/2008

DA REDAÇÃO - O novo certificado ambiental para biocombustíveis, um dos pontos do pacote energético da União Europeia, deve atrapalhar as exportações brasileiras de álcool para o bloco econômico nos próximos dois anos, diz Júlio Borges, diretor da Job Economia e Planejamento.

Até 2020, o consumo do setor de transporte na Europa deve ter pelo menos 10% de biocombustíveis. A UE anunciou que apenas comprará produto de safras certificadas e que não causem danos ambientais. Em comunicado, a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) demonstrou preocupação de que a regulamentação continue sem imposição de barreiras. Previsão da Agência Internacional de Energia aponta demanda de 22 bilhões de litros de biocombustíveis para a Europa em 2012. Para chegar a esse volume, é preciso que os europeus avancem em áreas atualmente usadas para a produção de alimentos, o que não deve ocorrer.

Por isso, a UE terá de importar mais adiante. Para Borges, as perspectivas para Brasil e África são favoráveis pela "possibilidade de expansão de área visando cultivos para a bionergia." *GITÂNIO FORTES

EUA sinalizam mudança em tarifa de álcool importado – Folha de São Paulo – Dinheiro – 31/01/2008

Governo americano pode propor o fim do tributo sobre combustível brasileiro

Modificação, que pode incluir também alteração no subsídio ao produtor norte-americano, deve ser anunciada na segunda-feira

DA REDAÇÃO - O secretário de Energia dos Estados Unidos, Sam Bodman, sinalizou que o governo americano pode propor mudanças na tarifa de importação de álcool, quando apresentar na próxima semana o Orçamento do governo para o ano que vem.

Ele afirmou que a proposta que será enviada ao Congresso americana na próxima segunda-feira "começará a lidar com a questão" sobre se a tarifa de US\$ 0,54 por galão (3,785 litros) de álcool deverá expirar neste ano ou será renovada.

O secretário não confirmou se pedirá ao Congresso para reduzir gradualmente a tarifa de importação ou o subsídio dos produtores, mas sugeriu que a indústria do álcool dos Estados Unidos já é capaz de competir com menos ajuda governamental. "Eu acredito que essa indústria está muito próxima de ficar de pé sem ajuda."

Além de cobrarem uma tarifa na importação do produto de países como o Brasil, feito com cana-de-açúcar, os Estados Unidos dão um subsídio de US\$ 0,51 por galão para seus produtores de álcool (a base de milho), que deve valer até 2010.

As declarações de Bodman foram criticadas pelo senador republicano Chuck Grassley, de Iowa (Estado americano que é tradicional produtor de milho). "Ao retirarmos a tarifa sobre o álcool, nós estaremos subsidiando o produto brasileiro. Eu não consigo imaginar por que o secretário Bodman iria querer que os EUA se arriscassem a se tornar dependente do álcool brasileiro, quando já somos dependentes do petróleo do Oriente Médio."

As vendas brasileiras de álcool para o exterior tiveram uma queda de 14% no ano passado na comparação com 2006, para 3,6 bilhões de litros, segundo dados da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar). Com a visita ao país do presidente dos EUA, George W. Bush, no início do ano passado, e seu apoio ao uso do álcool, os produtores chegaram a projetar vendas de 5 bilhões de litros.

Os EUA são o maior produtor do combustível, seguidos pelo Brasil, mas o custo do produto brasileiro é inferior. *Com a Reuters

A Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia, aprovou ontem um pacote de medidas para combater a mudança climática e avançou sobre o acordo discutido em 2006. O bloco estabeleceu planos para reduzir em 20% a emissão de gases causadores do efeito estufa e dividiu entre os 27 países-membros uma meta para que um quinto da energia do bloco seja gerada a partir de fontes renováveis até 2020.

A comissão pretende acelerar as negociações entre os países industrializados para que um acordo sobre o clima seja firmado até 2009, com o objetivo de minimizar os efeitos do aquecimento global.

Em linhas gerais, as metas impõem uma redução de 20% da emissão dos gases de efeito estufa até 2020, alcançando 30% quando um acordo internacional for estabelecido. Até 2020, o bloco pretende utilizar 20% de energia renovável e 10% dos transportes do bloco terão de usar biocombustíveis.

No Brasil, a meta da UE foi bem-recebida, mas houve algumas ressalvas. A Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) considerou a decisão um passo importante, uma vez que estimula a produção sustentável. Especialistas ouvidos pelo Valor afirmam que não haverá uma forte expansão das exportações brasileiras de etanol para o bloco, uma vez que os países europeus são fortes consumidores de diesel. Na prática, a produção de biodiesel deverá ser estimulada no bloco. O mercado europeu não é tradicionalmente um dos principais importadores do álcool brasileiro. As importações giram em torno de 500 milhões de litros/ano. A Suécia é um dos maiores importadores de álcool do Brasil.

"Essas metas representam oportunidades e desafios para o Brasil", afirmou Plínio Nastari, presidente da Datagro, uma das principais consultorias sucroalcooleiras do país. Nastari lembra que o país já começa a criar critérios de sustentabilidade, uma vez que o mercado internacional, sobretudo a Europa, é mais exigente neste quesito. Mas os europeus ainda irão anunciar novas e mais rigorosas regras para a importação de biocombustíveis, e isso poderá afetar o Brasil.

Segundo Elisabete Serodio, especialista em relações internacionais e sócia da consultoria Serodio & Braga, a sustentabilidade ganhou espaço importante no comércio internacional. Tanto Nastari como Elisabete afirmam que por conta dessa maior importância a UE pode passar a impor barreiras não-tarifárias à entrada do etanol no bloco, o que poderá afetar diretamente o Brasil, maior exportador do produto.

Ambientalistas afirmam, contudo, que as metas impostas não são suficientes para impedir o progresso do aquecimento global ou para que o continente seja uma referência mundial nesta área. O comissário da UE para Meio Ambiente, Stavros Dimas, rebate: "O plano dá largada na Europa para a corrida da criação de uma economia de baixas emissões de carbono, que deve gerar uma onda de inovações e novos empregos ligados às tecnologias limpas".

A partir de 2013, as geradoras de energia terão menos liberdade para emitir dióxido de carbono e precisarão comprar créditos que correspondam a todas as emissões. **(Com agências internacionais)**

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf e Lauro Mattei

Assistentes de Pesquisa

Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio

